

GOIÁS INDUSTRIAL

Revista do Sistema Federação das
Indústrias do Estado de Goiás



ENTREVISTA

Alberto Borges, da Caramuru, apresenta a receita do sucesso de sua empresa, uma das maiores processadoras de soja de capital nacional



Ubiratan Lopes,
da Vibracom

Alcides Rodrigus,
governador de Goiás

Vanderlan Cardoso,
da Cicopal

César Helou,
do Laticínios Piracanjuba

José Carlos de Souza,
da SuperFrango

Alberto Borges de Souza,
da Caramuru

Jânio Carlos Freire,
da Jean Darrot

MÉRITO INDUSTRIAL

Edição 2009 da mais tradicional condecoração da indústria homenageia seis empresários e o governador Alcides Rodrigues

IEL CURSOS

Você mais preparado e sua empresa mais competitiva

Os cursos e treinamentos do IEL são ideais para o desenvolvimento de novas competências. Seja nas modalidades tradicionais, seja *in company**, os participantes atingem excelentes níveis de aprendizado e sua empresa, maior produtividade.

| Curso | Período |
|--|---------------|
| Interpretação, Implementação e Auditoria da NBR 14001:2004 | 11 e 12/11/09 |
| Formação de Avaliadores Internos de Laboratórios/NBR ISO-IEC 17025:2005 | 17 a 19/11/09 |
| Validação de Ensaio Químicos - Avançado | 23 a 27/11/09 |
| Boas Práticas de Laboratórios | 02 a 04/12/09 |
| Interpretação da NBR ISO 9001:2008 | 10 e 11/02/10 |
| Formação de Auditores Internos da Qualidade segundo os requisitos da NBR ISO 9001:2008 | 24 e 25/02/10 |

* Cursos *in company* são estruturados sob medida satisfazendo as necessidades apresentadas pelas empresas.

Informações:
(62) 3219-1444/1448
www.ielgo.com.br





“A concessão da Ordem do Mérito Industrial tem sido extremamente rigorosa e restrita, distinguindo empresários, políticos e profissionais”

Paulo Afonso Ferreira
pauloafonso@sistemafieg.org.br

Por que o Mérito Industrial

É justo recompensar o ser humano pelos resultados de seu trabalho. Reconhecimento público nessa circunstância representa valorização do homenageado e incentivo à sua capacidade de produzir, situando-se entre aqueles que induzem à maior geração de riquezas em benefício de muitos, expansão do mercado de trabalho e desenvolvimento econômico e social, com reflexos positivos na comunidade, no Estado e no País.

É por isso que a Confederação Nacional da Indústria e a Federação das Indústrias do Estado de Goiás possuem a sua Ordem do Mérito Industrial, as quais distribuem com parcimônia e austeridade. Sua instituição foi inspirada no exemplo de grandes vultos do passado, como Roberto Simonsen e Euvaldo Lodi, que com criatividade e visão do futuro forjaram as bases do moderno parque industrial brasileiro.

O Mérito Industrial da CNI nasceu em 1958, o da Fieg dez anos depois. Sua concessão tem sido extremamente rigorosa e restrita, distinguindo empresários, políticos e profissionais que comprovadamente se destacaram na defesa da evolução e da competitividade da indústria e do nosso crescimento socioeconômico.

A outorga dessa referência simboliza, portanto, uma proclamação de relevante contribuição ao setor produtivo de maior



evidência num mundo onde se consolidou o conceito de que país desenvolvido é país industrializado.

A CNI veio a Goiás trazer seu Mérito Industrial a Alberto Borges de Souza, da

Caramuru Alimentos, produtos Sinhá, a maior indústria genuinamente brasileira de processamento de soja, milho, girassol e canola.

A Fieg escolheu para condecorar o governador Alcides Rodrigues e os empresários Cesar Helou, da Laticínios Bela Vista, Piracanjuba; Jânio Carlos Alves Freire, da Nova Moda Confeções, Jean Darrot; José Carlos de Souza (José Garrote), do Abatedouro São Salvador, Super Frango; Ubiratan da Silva Lopes, da Pafisa Pré-Moldados Indústria e Comércio, Vibracon, e Vanderlan Vieira Cardoso, da Cicopal Indústria e Comércio de Produtos Alimentícios e Higiene Pessoal, Salgadinhos Micos. O primeiro é reconhecidamente um incentivador da consolidação e expansão do parque industrial goiano. Os empresários são destaque em qualquer relação de grandes empreendedores goianos.

A importância do evento que os distinguiu está evidenciada na presença e participação do deputado Armando Monteiro Neto, presidente da CNI, e de Henrique Meirelles, presidente do Banco Central do Brasil, um dos principais responsáveis pela estabilidade atual da economia brasileira, além de outras importantes personalidades. Por merecimento, o ideal seria outorgar o Mérito Industrial a numerosos outros empresários, como gostariam de fazer a CNI e a Fieg. ■



CAPA

26 Em sua 19ª edição, a medalha e o diploma da Ordem do Mérito Industrial foram outorgados pela Fieg, neste ano, a cinco empresários goianos e ao governador Alcides Rodrigues pela contribuição que deram ao desenvolvimento industrial no Estado. Na sua versão nacional, a diretoria da CNI concedeu o Mérito Industrial ao empresário Alberto Borges de Souza, presidente do Conselho de Administração da Caramuru Alimentos.

MISSÃO CHINA-RÚSSIA

36 Em conjunto, China e Rússia responderam por 35% do crescimento alcançado pelas exportações goianas nos últimos cinco anos. Os chineses tornaram-se o principal mercado de destino das vendas externas e os russos lideram a compra de carne bovina produzida em Goiás. Esses números confirmam o caráter estratégico da missão comercial goiana realizada àqueles países entre 7 e 18 de setembro.



ICQ BRASIL

22 Lançado em 2000, o Programa Brasileiro de Qualidade e Produtividade no Habitat (PBQP-H) colhe bons resultados em Goiás. Pesquisa de campo realizada pelo Instituto de Certificação Qualidade Brasil (ICQ Brasil) entre empresas certificadas identificou que 100% da amostragem considerou que o sistema de gestão da qualidade implementado trouxe melhorias nas várias áreas do seu negócio.

índice



ENTREVISTA

8 Uma das poucas empresas sob controle nacional no setor de soja, milho e óleos vegetais, a Caramuru Alimentos transformou a ampla estrutura montada nos setores de origemação de grãos e armazenagem, combinada com doses maciças de investimentos em logística e rastreabilidade, na base para crescer, em média, 20% ao ano.



NIQUELÂNDIA

16 A Unidade Integrada Sesi Senai Niquelândia, no Norte do Estado, inaugurou sua terceira ampliação em apenas três anos, diante da demanda crescente das empresas da região e da comunidade por educação, qualificação profissional e serviços de saúde e lazer. Neste período, foram investidos R\$ 5 milhões na expansão da estrutura física do complexo.

SENAI GOIÁS

14 Em fase de crescimento acelerado, Aparecida de Goiânia, onde já opera uma unidade integrada Sesi Senai, vai receber em breve sua primeira escola do Senai. A 1ª unidade do sistema em Goiás será estruturada em parceria com a Associação Pró-Vida, instituição beneficente de São Paulo, e a prefeitura de Aparecida de Goiânia, com previsão de início da construção ainda este ano.

INOVAÇÃO

18 a 21 Empresas como a BRF-Brasil Foods, gigante nascida após a aquisição da Sadia pela Perdigão, e a Equiplax Indústria Farmacêutica, inscritas no Edital Senai Sesi de Inovação 2009, desenvolvem projetos que contemplam o conceito de inovação social, oferecendo bem-estar aos empregados e a suas famílias. Durante o 3º Congresso Brasileiro de Inovação na Indústria, a Confederação Nacional da Indústria (CNI) lança manifesto com proposta de dobrar número de empresas inovadoras no País em quatro anos.



GOIASINDUSTRIAL



Direção

José Eduardo de Andrade Neto

Coordenação de jornalismo

Joelma Pinheiro

Edição

Lauro Veiga Filho

Subeditor

Dehovan Lima

Reportagem

Andelaide Pereira, Célia Oliveira,

Geraldo Neto, Jávier Godinho,

Polyana Gadêlha e

Débora Orsida

Colaboração

Wellington da Silva Vieira

Fotografia:

Sílvia Simões

Capa:

Arte sobre fotos de

Sílvia Simões

Projeto gráfico

Wesley Cesar

Diagramação e produção

Clarim Comunicação e Marketing

Rua S-6 nº 129, Sala 01,

Setor Bela Vista

(62) 3242-0095

www.clarimcomunica.com.br

contato@clarimcomunica.com.br

Publicidade

Superintendência da Fieg

(62) 3219-1470

(62) 3219-1720

Fotolito e impressão

Gráfica Kelps

As opiniões contidas em artigos assinados são de responsabilidade de seus autores e não refletem necessariamente a opinião da revista

Sistema FIEG

Federação das Indústrias do Estado de Goiás

Presidente:

Paulo Afonso Ferreira

Av. Araguaia, nº 1.544, Ed. Albano Franco, Casa da Indústria - Vila Nova CEP 74645-070 - Goiânia-GO Fone (62) 3219-1300 Fax (62) 3229-2975

Home page:

www.sistemafieg.org.br

E-mail

fieg@sistemafieg.org.br

NÚCLEO REGIONAL DA FIEG EM ANÁPOLIS

Presidente: Waldyr O'Dwyer

Av. Engº Roberto Mange, nº 239-A, Bairro Jundiá, CEP 75113-630, Anápolis-GO Fone/Fax (62) 3324-5768 / 3311-5565

E-mail:

nureaps@sistemafieg.org.br

SESI

Serviço Social da Indústria Diretor Regional: Paulo Afonso Ferreira Superintendente: Paulo Vargas

SENAI

Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial Diretor Regional: Paulo Vargas

IEL

Instituto Euvaldo Lodi Diretor: Daniel Viana Superintendente: Paulo Galeno Paranhos

ICO BRASIL

Instituto de Certificação Qualidade Brasil Diretor: Daniel Viana Superintendente: Paulo Galeno Paranhos

Diretoria da FIEG

Presidente

Paulo Afonso Ferreira

1º vice-presidente

Pedro Alves de Oliveira

2º vice-presidente

Wilson de Oliveira

3º vice-presidente

Ivan da Glória Teixeira

1º secretário

Hélio Naves

2º secretário

Luiz Gonzaga de Almeida

1º tesoureiro

Domingos Sávio Gomes de Oliveira

2º tesoureiro

Antônio de Sousa Almeida

Diretores

César Helou

Segundo Braoios Martinez

Ubiratan da Silva Lopes

Marley Antônio da Rocha

Joviano Teixeira Jardim

Frederico Martins Evangelista

Jorge Luiz Biasuz Meister

Aluísio Quintanilha de Barros

João Essado

Flávio Paiva Ferrari

Eduardo Cunha Zuppani

Laerte Simão

Luiz Antônio Vessani

José Vieira Gomide Júnior

Carlos Alberto Vieira Soares

Fábio Rassi

Sávio Cruvinel Câmara

José Luiz Martin Abuli

Eurípedes Felizardo Nunes

Aldrovando D. de Castro Júnior

José Magno Pato

Domingos Vilefort Orzil

Roberto Guimarães Mendes

Raimundo Viana Dutra

Carlos Alberto Diniz

Humberto Rodrigues de oliveira

Mário Renato G. de Azeredo

Conselho Fiscal

Waldyr O'Dwyer

Daniel Viana

Heno Jácomo Perillo

Conselho de representantes junto à CNI

Paulo Afonso Ferreira

Sandro Antônio Scodro Mabel

Conselho de representantes junto à Fieg

Abílio Pereira Soares Júnior

Álvaro Otávio Dantas Maia

Ananias Justino Jaime

Aurelino Antônio dos Santos

Carlos Alberto Diniz

Carlos Alberto Vieira Soares

Carlos José de Moura Júnior

Carlos Queiroz de Paula e Silva

Carlos Roberto Viana

Cyro Miranda Gifford Júnior

Daniel Viana

Domingos Sávio G. de Oliveira

Edilson Borges de Sousa

Eduardo Cunha Zuppani

Eduardo Gonçalves

Emílio Carlos Bittar

Emani Martins Almeida

Eurípedes Felizardo Nunes

Fábio Rassi

Flávio Paiva Ferrari

Francisco Gonzaga Pontes

Francisco de Paula e Silva

Henrique Wilhem Morg de Andrade

Hélio Naves

Heno Jácomo Perillo

Jaime Canedo

Jair Rizzi

Jairo França

João Essado

Joaquim Cordeiro de Lima

Jorcelino José Nunes Neto

José Alves Pereira

José Antônio Vitti

José Divino Arruda

José Francisco de Souza

José Luiz Martin Abuli

José Magno Pato

José Romaldo Maranhão Neto

José Vieira Gomide Júnior

Laerte Simão

Leonardo Jayme de Arimatéa

Leopoldo Moreira Neto

Luiz Carlos de Moura

Luiz Gonzaga de Almeida

Luiz Ledra

Luiz Rézio

Manoel Paulino Barbosa

Mário Drummond Diniz

Marley Antônio Rocha

Moacyr Rabello Leite Neto

Nelson Pereira dos Reis

Onofre Andrade Pereira

Orizomar Araújo de Siqueira

Paulo Afonso Ferreira

Pedro Alves de Oliveira

Pedro de Souza Cunha Júnior

Roberto Elias de Lima Fernandes

Robson Peixoto Braga

Rubens Luiz Bernardes

Sandro Antônio Scodro Mabel

Sávio Cruvinel Câmara

Sebastião Elias Barbosa

Segundo Braoios Martinez

Ubiratan da Silva Lopes

Valdenício Rodrigues de Andrade

Wellington Soares Carrijo

Wilson de Oliveira

Conselhos Temáticos

Desenvolvimento

Tecnológico e Inovação

Presidente

Ivan da Glória Teixeira

Vice-Presidente

Melchíades da Cunha Neto

Conselho Temático de Meio Ambiente

Presidente

Henrique W. Morg de Andrade

Vice-Presidente

Domingos Sávio Gomes de Oliveira

Conselho Temático de Infraestrutura

Presidente

Roberto Elias de Lima Fernandes

Vice-Presidente

Célio de Oliveira

Conselho Temático de Política Econômica

Presidente

Marley Antônio Rocha

Vice-Presidente

Beyle de Abreu Freitas

Conselho Temático de Relações de Trabalho

Presidente

Orizomar Araújo de Siqueira

Vice-Presidente

Ricardo Roriz

Conselho Temático de Micro e Pequena Empresa

Presidente

Humberto Rodrigues de Oliveira

Vice-Presidente

Carlos Alberto Vieira Soares

Conselho Temático de Responsabilidade Social

Presidente

Antônio de Sousa Almeida

Vice-Presidente

Melchíades da Cunha Neto

Conselho Temático de Agronegócios

Presidente

André Luiz Baptista Lins Rocha

Vice-Presidente

Rodrigo Penna Siqueira

Conselho Temático de Comércio Exterior e Negócios Internacionais

Presidente

Henbaldo Egídio

Vice-Presidente

Igor Montenegro Celestino Otto

Conselho Temático Fieg Jovem

Presidente

Alexandre Costa

Vice-Presidente

Marduk Duarte

Rede Metrológica Goiás

Presidente

Henbaldo Egídio

Câmara Setorial de Mineração

Presidente

Luiz Antônio Vessani

Sindicatos com sede na Federação das Indústrias do Estado de Goiás - FIEG

Av. Anhanguera, nº 5.440, Edifício José Aquino Porto, Palácio da Indústria, Centro, Goiânia-GO, CEP 74043-010

SIAEG

Sindicato das Indústrias de Alimentação no Estado de Goiás
Presidente: Sandro Antônio Scodro Mabel
Fone/Fax: (62) 3224-9226
siaeg@terra.com.br

SIEEG

Sindicato das Indústrias Extrativas do Estado de Goiás e do Distrito Federal
Presidente: Nelson Pereira dos Reis
Fone (62) 3212-6092
Fax 3212-6092
sieeg@sistemafieg.org.br

SIGEGO

Sindicato das Indústrias Gráficas no Estado de Goiás
Presidente: Antônio de Sousa Almeida
Fone (62) 3223-6515
Fax 3223-1062
sigego@sistemafieg.org.br

SIMAGRAN

Sindicato das Indústrias de Rochas Ornamentais do Estado de Goiás
Presidente: Carlos Queiroz de Paula e Silva
Fone/Fax (62) 3224-8688

SINCAFE

Sindicato das Indústrias de Torrefação e Moagem de Café no Estado de Goiás
Presidente: Sávio Cruvinel Câmara
Fone (62) 3212-7473
Fax 3212-5249
sincafe@sistemafieg.org.br

SINDAGO

Sindicato dos Areeiros do Estado de Goiás
Presidente: Ermani Martins de Almeida
Fone/Fax (62) 3224-8688

SINDIALF

Sindicato das Indústrias de Alfaiataria e Confecção de Roupas para Homens no Estado de Goiás
Presidente: Daniel Viana
Fone (62) 3223-2050

SINDIBRITA

Sindicato das Indústrias Extrativas de Pedreiras do Estado de GO, TO e DF
Presidente: Moacyr Rabello Leite Neto
Fone/Fax (62) 3223-6667
sindibrita@sistemafieg.org.br

SINDICALCE

Sindicato das Indústrias de Calçados no Estado de Goiás
Presidente: Flávio Ferrari
Fone/Fax: (62) 3225-6402
sindicalce@sistemafieg.org.br

SINDICARNE

Sindicato das Indústrias de Carnes e Derivados no Estado de Goiás e Distrito Federal
Presidente: José Magno Pato
Fone/Fax (62) 3229-1187 e 3212-1521
sindicarne@sistemafieg.org.br

SIMELGO

Sindicato das Indústrias Metalúrgicas, Mecânicas e de Material Elétrico do Estado de Goiás
Presidente: Orizomar Araújo de Siqueira
Fone/Fax (62) 3224-4462
contato@simelgo.org.br

SIMPLAGO

Sindicato das Indústrias de Material Plástico no Estado de Goiás
Presidente: Aurelino Antônio dos Santos
Fone (62) 3224-5405
simplago@sistemafieg.org.br

SINDICURTEME

Sindicato das Indústrias de Curtumes e Correlatos do Estado de Goiás
Presidente: João Essado
Fone/Fax: (62) 3212-3970
sindicurteme@sistemafieg.org.br

SINDIGESSO

Sindicato das Indústrias de Gesso, Decorações, Estuques e Ornatos do Estado de Goiás
Presidente: José Luiz Martin Abuli
Fone: (62) 3212-6092
sindigesso@sistemafieg.org.br

SINROUPAS

Sindicato das Indústrias de Confecções de Roupas em Geral de Goiânia
Presidente: Edilson Borges de Sousa
Rua 1.137, nº 87 - Setor Marista
CEP 74180-160 - Goiânia - GO
Fone/Fax: (62) 3088-0877
sinroupas@yahoo.com.br

SINDUSCON-GO

Sindicato da Indústria da Construção no Estado de Goiás
Presidente: Roberto Elias de Lima Fernandes
Rua João de Abreu, 427 - St. Oeste - CEP 74120-110 - Goiânia - GO
Fone (62) 3095-5155/Fax 3095-5176/5177
contato@sinduscongoias.com.br

SINDILEITE

Sindicato das Indústrias de Laticínios no Estado de Goiás
Presidente: Ananias Justino Jaime
Fone (62) 3212-1135
Fax 3212-8885
sinleite@terra.com.br

SINDIPÃO

Sindicato das Indústrias de Panificação e Confeitaria no Estado de Goiás
Presidente: Luiz Gonzaga de Almeida
Fone: (62) 3224-0422
sindipao@sistemafieg.org.br

SINDIREPA

Sindicato da Indústria de Reparação de Veículos e Acessórios no Estado de Goiás
Presidente: José Francisco de Souza
Fone (62) 3224-0121
sindirepa@sistemafieg.org.br

SINDMÓVEIS

Sindicato das Indústrias de Móveis e Artefatos de Madeira no Estado de Goiás
Presidente: Manoel Paulino Barbosa
Fone/Fax (62) 3224-7296
sindmoveis@sistemafieg.org.br

SINDTRIGO

Sindicato dos Moinhos de Trigo da Região Centro-Oeste
Presidente: André Lavor Pagels Barbosa
Fone (62) 3223-9703
sindtrigo@sistemafieg.org.br

SININCEG

Sindicato das Indústrias de Calcário, Cal e Derivados no Estado de Goiás
Presidente: José Antônio Vitti
Fone/Fax (62) 3213-0378
sininceg@sistemafieg.org.br

SINPROCIMENTO

Sindicato da Indústria de Produtos de Cimento do Estado de Goiás
Presidente: Luiz Ledra
Fone (62) 3224-0456/
Fax 3224-0338
siac@sistemafieg.org.br

SINDQUIMICA-GO

Sindicato das Indústrias Químicas e Farmacêuticas no Estado de Goiás
Presidente: Eduardo Cunha Zuppani
Fone (62) 3212-3794/
Fax 3225-0074
sindquimica@sistemafieg.org.br

SINVEST

Sindicato das Indústrias do Vestuário no Estado de Goiás
Presidente: José Divino Amuda
Fone/Fax (62) 3225-8933
sinvest@sistemafieg.org.br

Outros endereços

SIAGO

Sindicato das Indústrias do Arroz no Estado de Goiás
Presidente: Pedro Alves de Oliveira
Rua T-45, nº 60 - Setor Bueno - CEP 74210-160 - Goiânia - GO
Fone/Fax (62) 3251-3691 - siago@cultura.com.br

SIFACÚCAR

Sindicato da Indústria de Fabricação de Açúcar no Estado de Goiás
Presidente: Segundo Braoios Martinez
Presidente-Executivo: André Luiz Baptista Lins Rocha
Rua C-236, nº 44 - Jardim América - CEP 74290-130 - Goiânia - GO
Fone (62) 3274-3133 / Fax (62) 3251-1045

SIFAEG

Sindicato das Indústrias de Fabricação de Alcool no Estado de Goiás
Presidente: Segundo Braoios Martinez
Presidente-Executivo: André Luiz Baptista Lins Rocha
Rua C-236, nº 44 - Jardim América - CEP 74290-130 - Goiânia - GO
Fone (62) 3274-3133 e (62) 3251-1045 - sifaeg@terra.com.br

SIMESGO

Sindicato da Indústria Metalúrgica, Mecânica e de Material Elétrico do Sudoeste Goiano
Presidente: Eurípedes Felizardo Nunes
Rua Costa Gomes, nº 143 - Jardim Marconal - CEP 75901-550 - Rio Verde - GO
Fone/Fax (64) 3613-4810

Anápolis

Av. Engº Roberto Mange, nº 239-A, Jundiá, Anápolis/GO
CEP 75113-630 Fone/Fax: (62) 3324-5768 e 3311-5565
sind.industria@terra.com.br

SIAA

Sindicato das Indústrias da Alimentação de Anápolis
Presidente: Wilson de Oliveira

SICMA

Sindicato das Indústrias da Construção e do Mobiliário de Anápolis
Presidente: Álvaro Otávio Dantas Maia

SINDIFARGO

Sindicato das Indústrias Farmacêuticas no Estado de Goiás
Presidente: Eduardo Gonçalves

SIMEA

Sindicato das Indústrias Metalúrgicas, Mecânicas e de Material Elétrico de Anápolis
Presidente: Robson Peixoto Braga

SINDICER

Sindicato das Indústrias de Cerâmica no Estado de Goiás
Presidente: Henrique Wilhelm Morg Andrade

SIVA

Sindicato das Indústrias do Vestuário de Anápolis
Presidente: Jair Rizzi

Biodiesel, a nova aposta

■ *Lauro Veiga Filho*

A Caramuru Alimentos não se tornou fortuitamente uma das maiores empresas do setor de processamento de soja e milho e uma das poucas de capital genuinamente nacional. Sua trajetória de sucesso foi construída sobre bases sólidas, destaca o próprio empresário nesta entrevista à Goiás Industrial. A mudança para Goiás e o forte investimento na montagem de uma estrutura ampla de armazenagem e originação de grãos, as inversões igualmente vigorosas em logística de transportes, aliadas a uma visão estratégica e direcionada para o enfrentamento de desafios – resume Alberto Borges –, explicam seu crescimento.

Goiás Industrial – Quais estratégias foram fundamentais para o crescimento da Caramuru nesses últimos anos?

Alberto Borges de Souza – O primeiro ponto é estar preparado para enfrentar desafios. Nessas três décadas, o Brasil enfrentou crises e adversidades. A Caramuru teve habilidade de crescer principalmente em períodos de crise, porque as pessoas de nossa equipe se prepararam para vencer adversidades e superar desafios. Além disso, deve-se destacar a vinda do Paraná para o Centro-Oeste em 1974, 1975. Foi uma decisão bastante importante. Na época, a empresa trabalhava principalmente com milho e viemos para Goiás para ampliar a produção e dessa decisão derivaram diversas outras, entre as quais a ampliação da rede de armazenagem. Hoje dispomos de 60 pontos em Goiás e Mato Grosso, com capacidade para 2 milhões de toneladas. Foi no setor de armazenagem e de originação que registramos avanços mais expressivos. Depois passamos a industrializar também a soja.

Goiás Industrial – A soja surge quando na história da empresa?

Alberto Borges – Em 1990. E surgiu ao



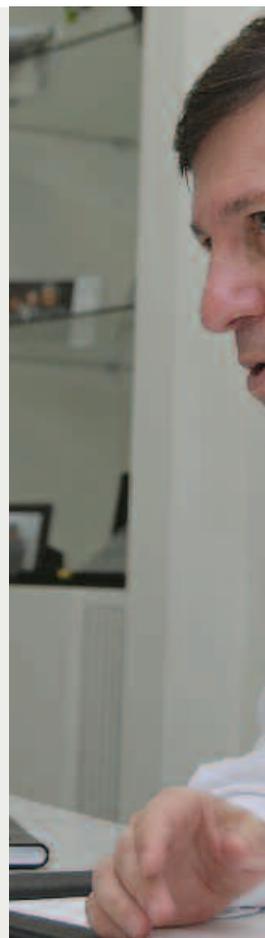
“A originação e o sistema de armazenagem têm sido os pilares para construir a operação industrial, assim como para a exportação”

pelo avanço da capacidade armazenadora da Caramuru e pela relação que temos com os produtores rurais. Ela surgiu primeiro como uma vontade de prestar serviços aos agricultores com essa estrutura de armazéns que construímos ao

longo do tempo. Isso gerou essa oportunidade de prestar serviços e um conhecimento sobre soja, quando partimos para a industrialização em Itumbiara.

Goiás Industrial – A decisão de mudar do Paraná para Goiás, como o senhor disse, foi decisiva para o que viria a acontecer em seguida à Caramuru. Já naquela época existia certa saturação no mercado do Paraná ou vocês já tinham uma antevisão do que viria a ser o mercado nas décadas seguintes?

Alberto Borges – Na verdade, enxergamos uma oportunidade e vislumbramos uma situação mais no curto prazo. Havia muita disponibilidade de milho em Goiás já naquela época, em comparação com o Paraná. Além disso, Goiás também está mais próximo do Nordeste, tem custos de logística menores, o que contribuiu e contribui ainda hoje para a melhoria da rentabilidade da operação. A industrialização de milho iria suprir o Nordeste brasileiro,





“Em determinados mercados, as exigências são mais elevadas e a Caramuru tem aproveitado essas oportunidades para se diferenciar em relação à concorrência no setor de commodities, principalmente na Europa”

que já era um mercado relevante para a Caramuru e um mercado em crescimento. Então, vislumbramos essa oportunidade de atender a esse mercado a partir de Goiás.

Goiás Industrial – Esse também não seria um caminho para encontrar caminhos, nichos num mercado extremamente concorrido e, pelo menos hoje, com grande participação de gigantes multinacionais? Isso fazia parte da estratégia da empresa também?

Alberto Borges – À época, nossos competidores eram empresas brasileiras. O negócio de milho, para a indústria de alimentos, sempre foi considerado um negócio menor dentro das estratégias das tradings internacionais. Era uma oportunidade para empresas brasileiras. Logicamente, a competição era forte, mas essa foi uma forma de conseguirmos nos diferenciar, por meio de custos de logística e de matéria-prima mais baixos, e gerar competitividade na nossa operação. Deu certo e, dali para frente, fomos só crescendo no setor de armazenagem, na industrialização de soja, na operação hidroviária...

Goiás Industrial – O forte crescimento na base de armazenagem, na originação de produtos, ao que parece, tem desempenhado papel fundamental na estratégia da Caramuru. Esta é a percepção da empresa também?

Alberto Borges – Não há dúvida. A originação e o sistema de armazenagem têm sido os pilares para construir a operação industrial, assim como para a exportação. Esses setores têm dado sustentabilidade ao nosso crescimento. O interessante é que

quando iniciamos essa operação de armazenagem nosso objetivo era muito mais de garantir o suprimento de matérias-primas de qualidade para nossa indústria de alimentos ao longo de todo o ano. Não era tanto com essa visão de que isso iria dar sustentação a uma operação muito maior. A possibilidade de oferta de matérias-primas de qualidade durante o ano inteiro era um desafio que a Caramuru enfrentava para ter seus produtos dentro de padrões adequados de qualidade.

Goiás Industrial – Qual a participação desse setor no plano de investimentos da empresa?

Alberto Borges – No ano passado, investimos em armazenagem 30% de nosso orçamento. Esses investimentos foram mais direcionados para o Mato Grosso, para a região de Água Boa, Querência e Canarana. Investimos ali num sistema para 150 mil toneladas de capacidade estática. Esses investimentos também seguem uma estratégia de logística, já que essa região tem uma ligação muito forte com a Hidrovia Tietê-Paraná na saída por São Simão. Foi uma forma que criamos para que a soja possa ser transportada de forma cadenciada ao longo do ano. Normalmente no período de safra os preços dos fretes sobem 50% em relação ao período de entressafra. Temos conseguido evitar esse pico.

Goiás Industrial – É possível traçar a evolução para esses investimentos ao longo do tempo?

Alberto Borges – Levamos em conta, em nossa política de investimentos, não só a questão do retorno de longo prazo, mas também no curto prazo, para que possam contri-



buir para gerar fluxo de caixa para as operações como um todo. Isso tem feito com que, em determinados anos, ora intensifiquemos investimentos em armazéns, ora direcionamos nossos recursos para biodiesel, ora em logística, ora em portos. Não há uma regularidade.

Goiás Industrial – O senhor citou que a soja passou a fazer parte do portfólio da Caramuru em 1990. Ela ganhou uma relevância bem mais robusta ao longo do tempo. Como se divide o negócio hoje? Qual a participação de cada segmento?

Alberto Borges – A soja representa 80% do total do faturamento, o milho responde por 15%, a originação por 3% e serviços, 2%. Mas a contribuição para a rentabilidade é diferente desses números. O setor de serviços oferece rentabilidades mais expressivas do que o de commodities. Isso inclui a prestação de serviços de logística, serviços portuários.

Goiás Industrial – O senhor fez referência ao problema da qualidade e tem havido uma pressão crescente, no exterior, por conta de questões ambientais, de rastreabilidade de produtos e segurança alimentar, saúde pública. Como a Caramuru tem enfrentado essas situações, no mercado internacional, e como isso tem influenciado o desempenho da empresa lá fora?

Alberto Borges – Na verdade, em determinados mercados, as exigências são mais elevadas e a Caramuru tem aproveitado essas oportunidades para se diferenciar em relação à concorrência no setor de commodities, principalmente na Europa, que tem um nível de exigência mais elevada, em especial na questão dos produtos não transgênicos. A Caramuru tem trabalhado com esse programa de não transgênico dentro de um programa que oferece toda a rastreabilidade desde a semente, inclusive nos armazéns, na in-



dústria, na área de logística, de transporte, até o destino final. A segregação desses produtos dá uma garantia de qualidade alimentar para os clientes que valorizam a diferenciação.

Goiás Industrial – Isso possibilita alguma vantagem em relação à concorrência?

Alberto Borges – Com certeza. Isso agregou um diferencial e tem sido uma estratégia da Caramuru, que é se diferenciar em commodities. Esse mercado apresenta uma tendência de preço uniforme, muito baseado na Bolsa de Chicago, inclusive em relação aos prêmios. A Caramuru desenvolveu essa diferenciação, baseada em produtos especiais, em farelo Hi-Pro (High-Protein), com elevado teor de proteína. A segregação, combinada com a rastreabilidade, nos permite oferecer produtos diferenciados aos clientes e isso significa também diferencial de margens e uma forma mais trabalhosa de

executar essa operação. E isso não é tão atrativo para grandes players internacionais. O que tem, na verdade, assegurado esses programas de diferenciação é, sobretudo, nossa estrutura de armazenagem, de logística, portos. É uma questão de gestão, que foi desenvolvida pela empresa ao longo de oito anos de forma a permitir esse sistema.

Goiás Industrial – Como enfrentar esse avanço dos produtos geneticamente modificados? A empresa pratica preços também diferenciados na compra de grãos em relação ao mercado?

Alberto Borges – Praticamos preços diferenciados. Temos um custo maior, porque muitas vezes é preciso ter mais de um armazém para originar produtos em uma mesma área. Existe um custo maior de logística. Temos de dedicar maior espaço para fazer a segregação. Isso exige um esforço maior de acompanhamento, de análise para acompanhar

“A CARAMURU TEVE HABILIDADE DE CRESCER PRINCIPALMENTE EM PERÍODOS DE CRISE, PORQUE AS PESSOAS DE NOSSA EQUIPE SE PREPARARAM PARA VENCER ADVERSIDADES E SUPERAR DESAFIOS”

esse produto desde a semente. Mas existem mercados também que valorizam esse esforço. O fato de a Caramuru ter também a operação de exportação do grão faz com que você consiga combinar volumes operados, no sentido de direcionar sua origem de não transgênicos para as fábricas e os transgênicos para exportação.

Goias Industrial – A produção de biodiesel entrou para a carteira de produtos da Caramuru recentemente, Quais são os planos da empresa em relação aos biocombustíveis?

Alberto Borges – Entramos nesse segmento com a implantação de uma fábrica em São Simão em 2007. Como o Programa Nacional de Produção de Biodiesel é relativamente novo e traz um forte apelo para a agricultura familiar, tinha-se muita dúvida sobre o que nós prevíamos. Hoje é possível dizer que, num horizonte de cinco anos, a soja vai continuar como carro-chefe no suprimento de matéria-prima para o biodiesel. Isso tem

levado as empresas a desenvolverem conhecimento sobre o mercado de soja, porque ele tem sido um formador de preços para os produtos complementares, entre os quais a gordura animal, os óleos de algodão, girassol, mamona, pinhão manso. Esses produtos acabam acompanhando a soja e sua utilização é complementar. Utilizamos 80% de óleo de soja e o restante de outras matérias-primas. A Caramuru tem tido muito sucesso empresarial na produção de biodiesel. Já ampliamos a produção em São Simão de 110 milhões para 147 milhões de litros e decidimos fazer um novo investimento em Ipameri, para 110 milhões de litros, que deve começar a operar a partir de julho de 2010.

Goias Industrial – A Caramuru tem participado dos leilões recentes de biodiesel. Os volumes contratados já cobrem a expansão projetada para a produção?

Alberto Borges – Em São Simão,

sim. No caso de Ipameri, estamos contando que vá se tornar realidade a decisão do governo de ampliar de 4% para 5% o percentual da mistura de biocombustível ao diesel a partir de janeiro do ano que vem, o que abre espaço para a Caramuru participar desse mercado. O consumo de diesel é estimado em 40 bilhões de litros e esse 1% vai representar, portanto, 400 milhões de litros. O programa do biodiesel deu tão certo sob aspecto de incremento à produção que hoje já temos mais de 50 usinas em operação com capacidade para um B8 (8% de mistura). E o B5 está previsto apenas para 2013. Se olhássemos apenas sob esse aspecto não poderíamos decidir o investimento. Mas estamos analisando também pela nossa capacidade de gerenciamento de risco, de logística e sabemos que seremos competitivos mesmo nesse cenário de maior oferta em relação à demanda. Hoje destinamos praticamente 50% da produção de óleo de soja para biocombustível. A outra metade vai para a marca Sinhá. Com o início da produção em Ipameri deveremos intensificar nossa posição como compradores de óleos vegetais num primeiro momento. Num segundo momento, poderá vir aí a oportunidade para ampliarmos o processamento de soja e a produção de óleo vegetal.

Goias Industrial – Falando de futuro, o que se pode antecipar em relação à Caramuru?

Alberto Borges – Já temos esses investimentos anunciados em relação ao biodiesel. Temos essa ampliação pequena na capacidade de esmagamento em São Simão e também em Itumbiara, nesse pacote de R\$ 104,7 milhões, incluindo a fabricação de embalagens e de bebidas à base de soja. Devemos ter um crescimento, em 2009, em termos de faturamento, da ordem de 10%, para R\$ 2,5 bilhões, e, em 2010, em torno de 25%, quando entram em funcionamento as novas operações. ■

PARA MICRO E GRANDE, PÚBLICA OU PRIVADA

Serviço de consultoria oferecido pelo IEL Goiás atinge empresas de todos os tamanhos e setores, incrementando sua gestão e a produtividade

■ *Célia Oliveira*

Conhecimento técnico e experiência adquiridos em consultoria são instrumentos empregados na modernização da Suporte Engenharia, empresa de médio porte, situada em Luziânia, região do Entorno de Brasília.

As necessidades de se adequar ao mercado da construção civil e de orientação para implantação do Sistema de Gestão da Qualidade (SGQ) foram fatores que levaram a Suporte Engenharia a contratar o serviço de consultoria em gestão do IEL Goiás, que contempla micro, pequena, média ou grande empresa, seja da iniciativa privada ou estatal.

“A princípio, queríamos instruções para o SGQ, mas no decorrer da consultoria entendemos a necessidade de buscar um novo modelo

de empresa, ou seja, modernizar conhecimentos para nossa competição no mercado”, explica o diretor da Suporte Engenharia, Vantuil Júnior, ao comentar o que mudou na empresa como resultado da consultoria. De acordo com ele, houve muito investimento em pessoal qualificado, em estrutura física e informática. Em pouco tempo, a empresa aumentou o número de funcionários e a visão de gerenciamento de pessoas e resultados também passou por modificações.

História semelhante tem para contar a Hot Line, empresa de grande porte, fundada há 33 anos, prestadora de serviços no segmento da construção e de manutenção de sistemas elétricos energizados. A empresa procurava por credibilidade, know-how e facilidade de logística para contratar uma consultoria que auxi-

liasse, também, com o SGQ. “Como isso era determinante para o futuro da empresa, a parceria com o IEL foi fundamental para o sucesso do projeto”, conta o supervisor de recursos humanos e, atualmente, representante da direção (RD), Jeferson Neto. Depois dos estudos e definições dos requisitos, a implantação ocorreu dentro do planejado, “possibilitando à empresa uma organização sistêmica e, conseqüentemente, a certificação.”

Na análise de Neto, a Hot Line colhe bons frutos, sobretudo, em relação ao planejamento estratégico, pois a eficiência da consultoria proporcionou melhor atendimento aos clientes, cuja carteira é formada basicamente por indústrias e concessionárias de energia elétrica. A alta direção hoje está mais segura nas decisões.



Vapt-Vupt: Segmento público encontra na consultoria caminhos para melhorar atendimento à população

Trabalho direcionado para a sustentabilidade

Independente do ramo de atuação ou tamanho, uma consultoria atende a todos e é bom recurso para a organização sobreviver, já que esse fator não é regalia de uma ou outra, inserida no cenário mercadológico. “O serviço dá condições para a empresa tocar seu negócio sem gerar dependência dos consultores, pois é um trabalho direcionado, que almeja a sustentabilidade, por meio de melhorias que começam internamente, com a implantação de sistema de gestão, alinhamento de objetivos ou ajustes mais profundos”, comenta a coordenadora da área de consultoria do IEL Goiás, Vera Lúcia Elias de Oliveira.

Seja micro, pequena, média ou grande, seja

empresa privada ou pública, para serem competitivas e assegurar competências, devem atender com presteza demandas de clientes que, continuamente, querem o melhor, por isso, buscam a profissionalização e sintonia com o novo.

Foi isso que levou o Serviço Integrado de Atendimento ao Cidadão Vapt Vupt a contratar consultoria para uma consistente qualidade na prestação de diferentes serviços de interesse da população, em um só local. A rede de serviços do Estado completa dez anos e, de acordo com a coordenadora dos Postos Fixos de Atendimento e do SGQ, Neidimar de Oliveira, a vivência da consultoria é multiplicada na gestão do Vapt Vupt. Ela enfatiza que a oferta dos serviços utiliza os ensinamentos da consultoria, aplicando métodos modernos de gerenciamento.

O Vapt Vupt é mais um exemplo das mais de duas centenas de consultorias em gestão empresarial executadas pelo IEL Goiás, ao longo da implantação deste serviço, em 1999.

DIAGNÓSTICO E SOLUÇÕES

Como se define o serviço de consultoria?

Uma atividade de inserção de um profissional na empresa para atender a demanda específica, que é a solução de uma necessidade identificada pela mesma. A carência atendida pode ser em várias áreas ou em uma determinada. Quando a empresa não sabe o que quer, a consultoria se torna mais complexa, demanda diagnóstico para identificar onde está a necessidade de atuação do serviço.



Qual o foco da consultoria do IEL?

Em gestão empresarial, com ênfase na melhoria do desempenho da organização: gestão da qualidade, ambiental, de pessoas, de processos, financeira, marketing, estratégica, ou seja, os diversos elementos que compõem a gestão organizacional.

Há desdobramentos?

A oferta é abrangente ou multidisciplinar, como o Programa de Qualificação de Fornecedoros (PQF), que desenvolve atividades relacionadas à melhoria da gestão dessas diversas vertentes. A consultoria no programa renova as empresas, com ganhos para a indústria goiana e nacional.

Qual o resultado da consultoria nesses dez anos?

Desde 1999 até o ano passado, atendemos 266 empresas privadas e públicas, de diferentes segmentos e portes, no Estado e fora.

PARA CONTRATAR O SERVIÇO DE CONSULTORIA DO IEL GOIÁS LIGUE PARA O TELEFONE (62) 3219-1430

BENEFÍCIOS NO LONGO PRAZO

“Ao promover melhorias internas, os benefícios de uma consultoria atravessam os muros da organização e geram ganhos externos, ou seja, de mercado. Mas isso depende dos objetivos da empresa em suprir suas carências”, explica Vera Lúcia, do IEL Goiás.

Outro benefício apontado é a sustentabilidade, longevidade. Uma consultoria bem conduzida, gerenciada, promove um tratamento geral ou específico em um ente vivo. “Uma empresa é dotada de seres humanos, vivos. São as pessoas que movem um negócio.”

Ela acrescenta que a complexidade de uma organização requer múltiplos conhecimentos e, muitas vezes, a mesma não dispõe de equipe exclusiva para tratar de assuntos diversos, novos e urgentes. “As empresas contratam consultoria, numa escala crescente, para ter acesso a informações e métodos específicos de gestão em áreas que não são demandadas com frequência, mas que fazem parte de seus ambientes”, explica.

Vera Lúcia: “São as pessoas que movem um negócio”



Aparecida cresce, Senai acompanha

Sob forte avanço populacional, município contará em breve com uma unidade do Senai para atender à demanda por mão de obra qualificada

■ *Andelaide Pereira*

Estimativas divulgadas em agosto pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) mostram que a população de Aparecida de Goiânia cresceu mais de 50% desde 2000, ultrapassando em 2009 a marca dos 500 mil habitantes. A proximidade com a capital e a atração de investimentos são fatores que contribuíram para essa explosão demográfica. O avanço populacional registrado no município, contudo, não reflete na quantidade de profissionais necessários para atuar no polo industrial da segunda maior cidade de Goiás.

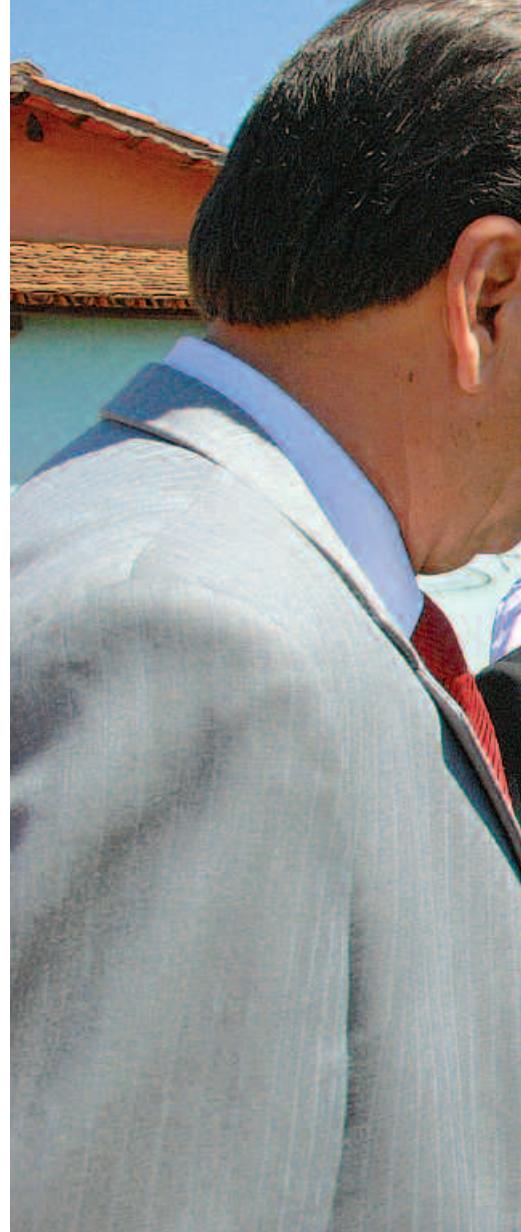
Para atender a essa demanda, o Sistema Fieg anuncia a implantação de uma escola Senai em Aparecida de Goiânia, onde já existe uma unidade integrada com o Sesi. A 11ª unidade do Senai em Goiás será estruturada em parceria com a Associação Pró-Vida, instituição beneficente de São Paulo, e a prefeitura de Aparecida de Goiânia, com previsão de início da construção ainda este ano. Inicialmente, o Senai irá oferecer cursos nas áreas de eletroeletrônica/metalmecânica, manutenção industrial, construção civil, química industrial e alimentos, nas modalidades de aprendizagem indus-

trial, qualificação profissional, habilitação técnica e aperfeiçoamento.

Durante solenidade de assinatura do protocolo de intenções entre os parceiros, realizada em julho, o diretor regional do Senai Goiás, Paulo Vargas, disse que a meta prevista para o primeiro ano de funcionamento da nova unidade é matricular 2.700 alunos. “O objetivo é dinamizar e potencializar as ações desenvolvidas por Sesi e Senai no município, oferecendo novos produtos e serviços para a comunidade e o segmento industrial, que se consolida como um dos mais competitivos do Estado”.

ÚNICO CAMINHO

Para o prefeito de Aparecida de Goiânia, Maguito Vilela (PMDB), a unidade do Senai chega em momento propício para a cidade, que ainda enfrenta sérios problemas, como os altos índices de criminalidade, a falta de saneamento básico, asfalto e de empregos. “Estamos crescendo, mas ainda são muitos desafios para superar e o principal deles é capacitar nossa população para assumir os postos de trabalho que estão surgindo. Apostamos na parceria com o Senai, já que a educação profissional é o único caminho viável para o desenvolvimento socioe-



conômico. O empreendimento será um divisor de águas”, destacou Maguito. A prefeitura de Aparecida de Goiânia doou o terreno de 13.703m², no Setor Pontal Sul, para a construção da Escola Senai.

Coordenador da Pró-Vida, Jansen Tregier falou sobre a importância de investir na evolução do homem para transformar o meio em que vive. “Nossa associação promove ações sociais com foco na formação de pessoas conscientes do seu papel na construção de uma sociedade mais justa e igualitária por meio do acesso à educação de qualidade. É com esse objetivo que buscamos parceria para implantação de nova unidade do Senai em Goiás”. Pelo acordo, a Pró-Vida será responsável por construir e equipar a escola, que será doada ao Senai após a finalização das obras.



Maguito Vilela, Paulo Afonso, Paulo Vargas e Jansen Tregier: parceria para atender à demanda das empresas de Aparecida de Goiânia

Responsabilidade social

Fundada pelo médico, cientista e filósofo Celso Charuri (1940-1981), em 1979, a Pró-Vida é uma instituição sem fins lucrativos que tem por missão “conduzir pessoas de todas as raças, crenças, políticas ou religiosas, a uma integração cósmica, fazendo com que cada uma consiga ampliar sua visão em relação ao meio em que vive.” As ações sociais promovidas pela instituição são desenvolvidas por meio da Central Geral do Dízimo (CGD), cujo objetivo é centralizar o recebimento do dízimo – 10% do ganho de colaboradores – na forma de depósitos facultativos e anônimos em sua conta bancária, e destinar todos esses recursos para beneficiar entidades que exerçam atividades assistenciais, promovendo a valorização do ser humano. Cerca de 7 mil doações já foram feitas em todo o Brasil, atendendo desde creches, hospitais, asilos e orfanatos até a construção e doação de escolas profissionalizantes totalmente equipadas, muitas das quais em parceria com o Senai.

Fonte: www.provida.org.br

Qualificação de acordo com o mercado

Quarto município mais competitivo de Goiás, de acordo com dados da Secretaria de Planejamento do Estado (Seplan), Aparecida de Goiânia, na Região Metropolitana de Goiânia, abriga um importante e diversificado parque industrial formado por cerca de 900 empresas, entre as quais o Grupo Mabel, a Equiplex Indústria Farmacêutica, Fraldas Sapecca, Kisses, Tempervidros e Arroz Cristal.

A cidade conta com os serviços do Sesi desde 1994 e, a partir de 2006, também o Senai passou a ter presença mais efetiva no município, onde já atuava por meio de ações móveis realizadas pelas unidades da instituição de Goiânia. Atualmente, a Unidade Integrada Sesi Senai Aparecida de Goiânia oferece atividades de educação profissional e assessoria tecnológica nos segmentos de automação industrial, eletroeletrônica, gestão, informática e vestuário, além de serviços nas áreas de lazer, esporte, saúde, educação e de responsabilidade social.

A terceira ampliação

Unidade Integrada Sesi Senai Niquelândia recebe investimentos de R\$ 5 milhões para atender à crescente demanda da indústria da mineração



Capacitação: alunos fazem experiências no laboratório de química

■ Pollyana Gadêlha

Implantada há apenas três anos, a Unidade Integrada Sesi Senai Niquelândia, no município do Norte Goiano, a 380 quilômetros de Goiânia, inaugurou, no dia 16 de setembro, nova ampliação, a terceira no período, destinada a atender à crescente demanda das empresas da região e da comunidade por educação, qualificação profissional e serviços de saúde e lazer. Investimentos feitos pelo Sesi e Senai

apenas na parte de estrutura física do complexo já superam R\$ 5 milhões.

Os novos ambientes de ensino do Senai compreendem um pavilhão de 300m², onde houve a expansão do laboratório de química e foi construído um laboratório de metalurgia destinado à educação profissional e assessoria técnica e tecnológica. A área de metalurgia recebeu quatro boxes com equipamentos para desenvolvimento dos processos de soldagem TIG, MIG e MAG e eletrodo revestido.

Parceiras do Sesi e do Senai, as empresas Anglo American Brasil e do Grupo Votorantim, investiram na ampliação da unidade integrada cerca de R\$ 190 mil cada uma. Em contrapartida, o Senai Goiás comprou todo o maquinário, equipamentos de proteção individual (EPIs) e acessórios. Com isso, os investimentos só do Senai em Niquelândia chegam a meio milhão de reais.

“Se a empresa não tiver profissionais qualificados, ela terá de buscar fora. Com a parceria



Instalações ampliadas: novo pavilhão de metalurgia do Senai com 300 m² Esporte e lazer: piscina semiolímpica com 25 m²

com o Senai, a empresa consegue, ao mesmo tempo, qualificar os funcionários e ainda aplicar a responsabilidade social”, afirma o gerente da unidade, Thiago Vieira Ferri.

O gerente de Recursos Humanos da Anglo American de Niquelândia e Barro Alto, Marcos Adriano Cangussu Rodrigues, explica que a parceria com o Senai foi realizada para capacitar pessoas da comunidade para formação de mão de obra futura. “Qualificação profissional é algo que está bastante alinhado com as ações da Anglo American, que são voltadas para a sustentabilidade. O Senai é hoje uma das mais reconhecidas instituições de ensino do País e apresenta diversos cursos de qualificação profissional de qualidade. Além disso, demonstra compromisso com os projetos e vem sendo um parceiro muito forte”, argumenta o gerente da Anglo American.

No caso da Votorantim Metais, a demanda do curso de soldagem surgiu da própria necessidade da empresa, que começou a utilizar a nova área antes mesmo da inauguração no desenvolvimento de aulas. A indústria realizou pesquisas de mercado e um estudo socioeconômico no município de Niquelândia e detectou a necessidade de soldadores. “Após o levantamento chegou-se à ideia de trabalhar um projeto que beneficiasse jovens da comunidade de famílias de baixa renda, e que os desse empregabilidade instantânea. Surgiu então, a parceria com o Senai, que investiu na montagem do galpão de solda, assim como na compra dos equipamentos para atender à Votorantim Metais”, explicou o gerente de Desenvolvimento Humano e Organizacional (DHO) da Votorantim, Marco Aurélio de Assis Cardoso.

Mais lazer e mais educação

Com a nova ampliação, a Unidade Integrada Sesi Senai Niquelândia ganhou mais espaços e equipamentos destinados ao lazer de clientes do clube. Os trabalhadores da indústria e da comunidade local poderão usufruir das novas áreas de salão de eventos, academia, piscina semiolímpica de 25 m, salão de jogos e cantina. No fim do ano, ainda será entregue a quadra poliesportiva. Os recursos foram provenientes do Conselho Nacional do Sesi, com R\$ 775 mil e a reforma da quadra teve recursos da Diretoria

Regional do Sesi.

De acordo com o superintendente do Sesi e diretor regional do Senai, Paulo Vargas, a ampliação da unidade visa auxiliar na melhoria da qualidade de vida da população, na qualificação profissional e no desenvolvimento econômico do município. “O foco do Sesi e Senai são os industriários, mas também pensamos na comunidade e na sustentabilidade. Futuramente também será construída uma escola com ensino articulado Sesi Senai e ensino médio”, enfatizou.

Cursos presenciais em Niquelândia

| Aperfeiçoamento Profissional | Iniciação Profissional | Qualificação Profissional |
|------------------------------|------------------------|---------------------------|
| Construção Civil | Transporte | Eletroeletrônica |
| Eletroeletrônica | | Metalmecânica |
| Gestão | | |
| Segurança no Trabalho | | |

AS EMPRESAS

A Votorantim possui em Niquelândia uma área de mineração onde são realizadas a extração de minério de níquel laterítico e a produção do carbonato de níquel. Esses produtos abastecem a usina metalúrgica, localizada no bairro de São Miguel Paulista, São Paulo (SP). Já a Anglo American, um dos maiores grupos em mineração e recursos naturais do mundo, realiza no município a extração de metais básicos, como carvão e metais industriais.



Investindo em qualidade

Sérgio Araújo

Projetos selecionados no Edital Senai Sesi 2009 contemplam conceito de inovação social e proporcionam bem-estar aos trabalhadores e familiares

■ Débora Orsida

Oferecer qualidade de vida, saúde e bem-estar a seus colaboradores é um dos valores da BRF - Brasil Foods – nova denominação social da Perdigão, após incorporar a Sadia –, de olho no consequente retorno que virá na forma de maior produtividade e satisfação no trabalho. A estratégia motivou a empresa a um novo projeto de investimento voltado para os recursos humanos que movimentam sua planta de Rio Verde, no sudoeste goiano, a 235 quilômetros de Goiânia, atualmente com 8 mil funcionários.

Inscrita no Edital Senai Sesi de Inovação 2009, a BRF - Brasil Foods foi contemplada com recursos de R\$ 66.520,00 destinados ao desenvolvimento de uma pesquisa com funcionários do turno noturno para adequação de seu ritmo biológico e cronotipo ao trabalho e à vida social. Resultado dessa pesquisa será a criação de um espaço para descanso de seus trabalhadores.

“Por meio da pesquisa identificamos as necessidades de nossos colaboradores, em ambos os turnos, e vamos oferecer um local onde eles poderão relaxar e até tirar um cochilo, ouvir



Maurício Heusy: num primeiro momento, espaço para gestantes

uma música, enfim, recarregar as baterias para retornar ao trabalho após o intervalo do almoço ou lanche”, explica o gerente administrativo e de recursos humanos da regional Goiás, Carlos Rodrigues.

Ele destaca que é importante que o colaborador se sinta bem na empresa, já que passa a maior parte do tempo ali. “Nossos funcionários têm, à disposição, transporte, plano habitacional, serviços odontológicos, atendimento médico, espaço para jogos, além dos programas sociais como Novo Ser, voltado para as gestantes. Faz parte da missão da BRF - Brasil Foods cuidar da sua equipe de trabalho oferecendo condições que possam trazer uma melhor qualidade de vida para todos”, afirma Rodrigues.

O gerente revela que o projeto de criar esse espaço surgiu após visita à empresa Mabel, em Aparecida de Goiânia, que já possui um lugar

de descanso para os trabalhadores, conhecido como dormitório. “Fomos à Mabel, conhecemos a área destinada a essa atividade e trouxemos a ideia para a nossa empresa, que foi aceita e contemplada com o edital do Sesi.”

Maurício Heusy, supervisor de recursos humanos, explica que o espaço será destinado, no primeiro momento, às trabalhadoras gestantes, mas, posteriormente, beneficiará a todos, seguindo uma escala de uso. “Não conseguiremos criar um espaço para atender 8 mil funcionários ao mesmo tempo, mas vamos ter uma área de uso comum, com algumas normas, assim todos poderão usufruir do benefício”, esclarece.

Para a empresa, a parceria com o Sesi foi decisiva na execução do projeto. Rodrigues lembra que a instituição desenvolve ações nas três plantas do grupo que operam em Goiás, nas cidades de Rio Verde, Mineiros e Jataí.

Criança consciente

Também selecionada no Edital Senai Sesi de Inovação 2009, a EquiPLEX Indústria Farmacêutica, localizada em Aparecida de Goiânia, iniciou em outubro o projeto Cipinha voltado para filhos de seus trabalhadores com idade entre 7 e 12 anos. A proposta é estimular as crianças a ter uma postura mais observadora e crítica sobre os cuidados com o meio ambiente, a escola, a saúde da família, os relacionamentos com amigos e a formar cidadãos conscientes de seu papel na construção de uma sociedade melhor.

A empresa foi contemplada no edital com recursos na ordem de R\$ 42.802,00 para a realização desse projeto, que visa à redução do índice de absenteísmo – falta ao trabalho por causa de doença –, por meio da melhoria da qualidade de vida, não apenas do trabalha-

dor, mas de toda família, e da conscientização das crianças sobre assuntos tão importantes nos dias de hoje.

“A educação é o caminho para mudarmos nossa sociedade e corrigirmos os erros de hoje para não repetirmos no futuro. Queremos com a Cipinha preparar as crianças para assumirem o leme da história”, entusiasma-se a gestora em responsabilidade socioambiental da EquiPLEX, Wladisleny Duarte.

Ela explica que quando os filhos estão bem de saúde, com notas boas na escola, participando de atividades esportivas, com boas amizades, os pais trabalham melhor, com menos preocupação, não faltam ao trabalho e têm maior produtividade. “Por meio desse projeto, que é uma versão infanto juvenil da Cipa, queremos envolver os filhos dos nossos

trabalhadores em diversas ações que promovam a melhoria da qualidade de vida e bem-estar de todos”, conta Wladisleny.

“Muitas vezes, as crianças ficam sozinhas em casa, enquanto seus pais trabalham na indústria. Na Cipinha, as crianças vão aprender sobre segurança, boa alimentação, fortalecer os vínculos familiares como o cuidado entre irmãos, os perigos das drogas, cuidados com o meio ambiente e com a saúde, dentre muitos outros temas.”

A gestora destaca o apoio do Sesi no desenvolvimento do projeto. “O Sesi tem todo know how para desenvolver essas ações, essa parceria é muito importante para nós, para realizarmos as nossas atividades com mais segurança e a certeza de que faremos o melhor”, afirma. ➔



“A educação é o caminho para mudarmos nossa sociedade e corrigirmos os erros de hoje para não repetirmos no futuro.”

Wladisleny Duarte, gestora em responsabilidade socioambiental da EquiPLEX



“Faz parte da missão da empresa cuidar da sua equipe de trabalho oferecendo condições que possam trazer uma melhor qualidade de vida para todos”

Carlos Rodrigues, gerente administrativo e de recursos humanos da regional Goiás da BRF - Brasil Foods

Inovação social

O Senai Nacional realiza desde 2004 o edital de inovação com o objetivo de oferecer incentivos para o fortalecimento e desenvolvimento das indústrias brasileiras. A novidade neste ano é a participação do Sesi, que integra-se ao Senai para estimular também o conceito de inovação social nas indústrias.

Técnica em projetos do Sesi Goiás, Cleonice Maria da Silva esclarece que inovação social é o desenvolvimento de novos conhecimentos, competências, produtos ou serviços sociais de diversas áreas, como educação, lazer, saúde, cultura, esporte, segurança no trabalho, que contribuam para a promoção da qualidade de vida do trabalhador e seus dependentes, bem como a gestão responsável da indústria.

Ela destaca a importância de a empresa participar de um edital de inovação. “A indústria, ao participar de um edital, tem a oportunidade de transformar uma ideia em projeto, com o apoio técnico do Sesi, e também de outros parceiros, como universidades, organizações não-governamentais e centros técnicos de pesquisas. Além disso, a in-



Cleonice: inovação social é o desenvolvimento de novos conhecimentos, competências, produtos ou serviços

dústria conta com aporte financeiro disponibilizado pelo Sesi e Senai.”

As indústrias participantes do edital se beneficiam com o desenvolvimento de produtos, serviços ou processos produtivos, contribuem para a melhoria na qualidade de vida dos trabalhadores e de seus dependentes, além de in-

centivar as relações de trabalho mais humanas, aumento da produtividade e o estabelecimento de uma imagem positiva perante seus públicos internos e externos.

As inscrições ao próximo edital serão abertas entre março e maio de 2010.

Mais informações: (62) 3219-1392 ■

Pesquisas selecionadas no Edital Senai Sesi de Inovação 2009

| Projeto | Unidade | Área | Empresa |
|---|---|-------------------------|------------|
| Desenvolvimento de embalagens de água mineral para consumo infantil | Escola Senai Vila Canaã | Alimentos | Água Pura |
| Desenvolvimento de gelado comestível de polpa de baru | Escola Senai Vila Canaã | Alimentos | DoCerrado |
| Desenvolvimento de programa nutricional para melhoria da saúde do trabalhador, por meio da adição de alimento funcional à dieta | Senai/Sesi Vila Canaã | Alimentos | Gênix |
| Automação e estudo do processo de lixiviação Caron | Unidade Integrada Sesi Senai Niquelândia | Mineração | Votorantim |
| Aplicações da madeira de bambu para a indústria moveleira em cozinhas planejadas residenciais | Faculdade de Tecnologia Senai Ítalo Bologna | Design/Movelaria | Embambu |
| Desenvolvimento de Cipinha – criança, segurança, meio ambiente e cidadania – para redução do índice de absenteísmo dos colaboradores na indústria | Unidade Integrada Sesi Senai Aparecida de Goiânia | Responsabilidade Social | Equipler |
| Pesquisa com trabalhadores da indústria de turno noturno para adequação de seu ritmo biológico e cronotipo ao trabalho e vida social | Unidade Integrada Sesi Senai Rio Verde | Responsabilidade Social | Perdigão |

A CONSTRUÇÃO DO FUTURO

Durante o 3º Congresso Brasileiro de Inovação, a CNI lança manifesto com o objetivo de dobrar em quatro anos número de empresas inovadoras

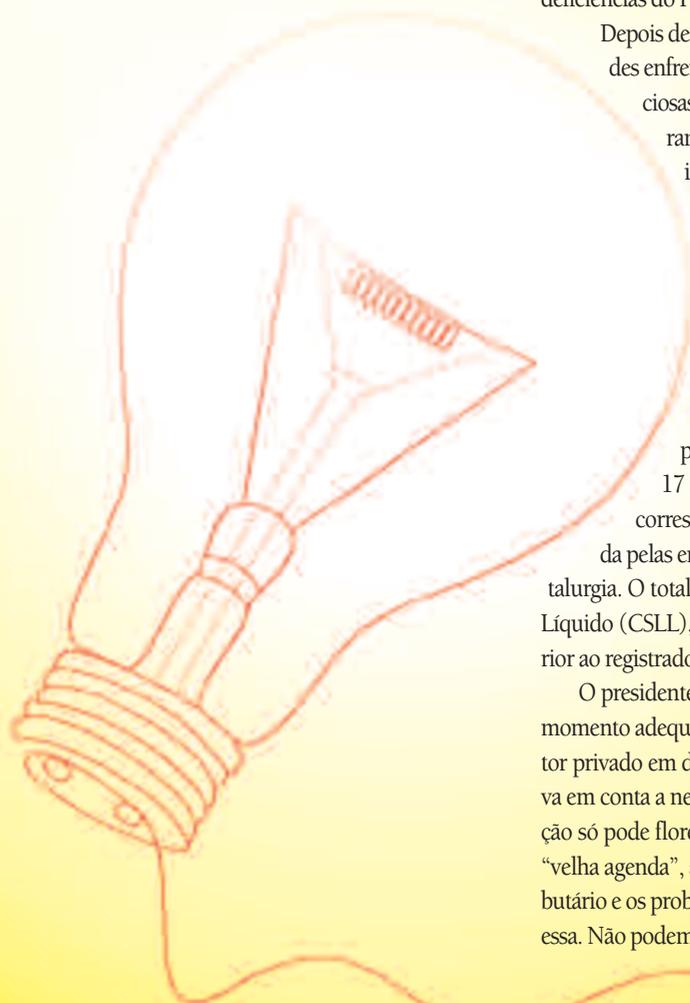
As metas seriam ousadas em qualquer outro país. Mas, no Brasil, a iniciativa ganha ares de revolução, no sentido mais amplo do termo. E o propósito é esse mesmo, já que se trata de “criar competências que nos conduzam ao futuro”, conforme sustenta manifesto elaborado pela Confederação Nacional da Indústria (CNI) e distribuído durante o 3º Congresso Brasileiro de Inovação na Indústria, realizado em agosto, no World Trade Center, em São Paulo.

Ao contrário das edições anteriores, realizadas em 2005 e 2007, quando acadêmicos e empresários discutiram políticas públicas de apoio ao setor de pesquisa e desenvolvimento (P&D), a versão 2009 do congresso escolheu como público-alvo micro e pequenas, médias e grandes empresas industriais. Tratou-se, na verdade, de mostrar que agora é a hora de arregaçar as mangas e por mãos à massa, sem ignorar as grandes deficiências do País e sem deixar de lado o necessário suporte do setor público.

Depois de analisar o cenário brasileiro de investimentos em P&D e as dificuldades enfrentadas na área da inovação, o documento da CNI propõe metas audaciosas, como dobrar em quatro anos o número de empresas que hoje declaram realizar pesquisas, num total estimado em 6 mil, e o total delas que informam inovar em produtos e processos, hoje ao redor de 30 mil companhias. Em outra proposta considerada arrojada, a CNI pretende elevar o investimento realizado pelo setor privado em pesquisa e desenvolvimento de 0,51%, percentual observado em 2005, para 0,65% do Produto Interno Bruto (PIB) no próximo ano.

O mais recente levantamento feito pelo Ministério da Ciência e Tecnologia mostra que, entre 2006 e 2007, houve um aumento de 130 para 320 no total de empresas que utilizaram incentivos fiscais para investir em P&D. O investimento total dessas companhias, em 17 setores da economia, foi de R\$ 6,8 bilhões, dos quais R\$ 2,4 bilhões correspondem aos incentivos fiscais. A maior parte dos recursos foi utilizada pelas empresas dos setores de mecânica e transportes, eletroeletrônica e metalurgia. O total de abatimentos sobre o cálculo da Contribuição Social sobre Lucro Líquido (CSLL), Imposto de Renda e IPI foi de R\$ 868,4 milhões, valor 279% superior ao registrado em 2006.

O presidente da CNI, Armando Monteiro Neto, acredita que este talvez seja o momento adequado para iniciar uma mobilização semelhante a que moveu o setor privado em direção a programas de qualidade nos anos 1990. O esforço leva em conta a necessidade de alterar a crença errônea segundo a qual a inovação só pode florescer em ambiente acadêmico. Sem esquecer os desafios da “velha agenda”, ainda não solucionados, como as distorções do sistema tributário e os problemas da infraestrutura, convoca Monteiro Neto, “a hora é essa. Não podemos mais perder tempo.”



A qualidade na construção

Em seu décimo aniversário, Programa Brasileiro de Qualidade e Produtividade no Habitat ganha relevância e visibilidade no setor

Lançado no final dos anos 1990, o Programa Brasileiro da Qualidade na Habitação estabeleceu como meta inicial a melhoria da qualidade da construção para o público de baixa renda. Em 2000, o Ministério das Cidades deu nova roupagem ao projeto e o rebatizou sob o nome de Programa Brasileiro de Qualidade e Produtividade no Habitat (PBQP-H). Seu foco foi ampliado, contemplando a melhoria da qualidade no habitat e a modernização produtiva na indústria da construção.

O programa difundiu o conceito de qualidade como estratégia empresarial e gerencial, não apenas como um aspecto técnico, mas envolvendo toda a cadeia produtiva da construção civil. Passados dez anos desde seu lançamento, o PBQP-H é bem conceituado e o grau de satisfação das empresas participantes alcançou níveis elevados. A avaliação positiva toma como base a percepção das próprias empresas quando avaliam benefícios proporcionados pelo programa.

Entre outros resultados igualmente relevantes, os clientes do PBQP-H identificam maior motivação, integração e capacitação dos funcionários das empresas; maior destaque, competitividade e visibilidade no mercado; satisfação do consumidor final, a partir da melhoria da qualidade e produtividade, garantindo maior lucratividade.

Para aferir essa realidade, o Instituto de

Semana da qualidade

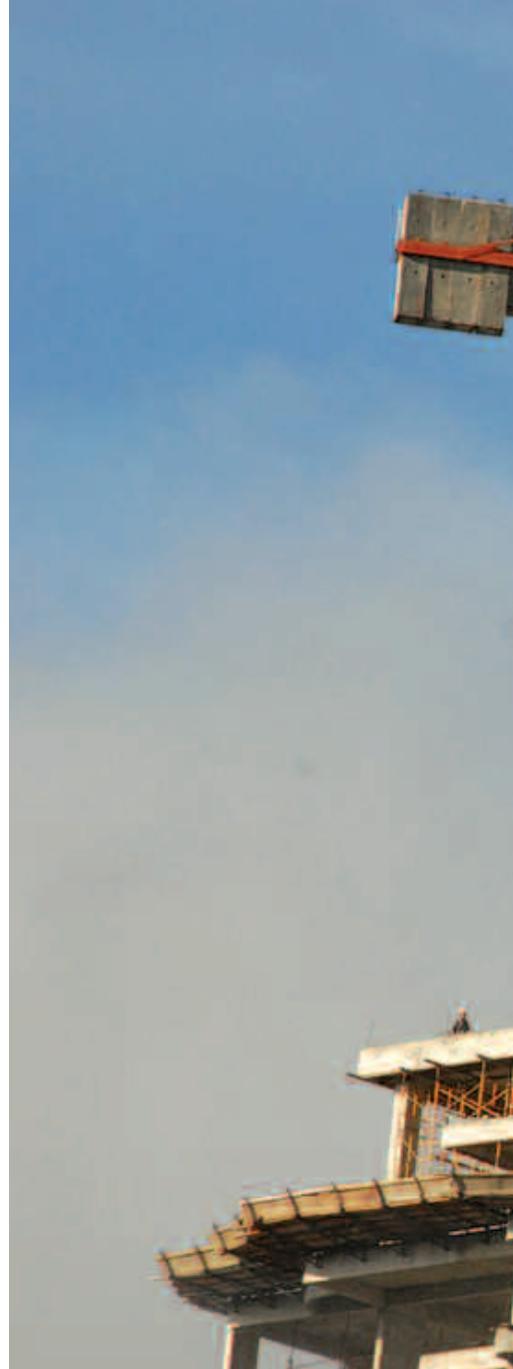
A qualidade ganha espaço cada vez mais representativo no mercado. Um exemplo claro dessa abrangência foi a realização da 1ª Semana da Qualidade na Área da Construção Civil, entre os dias 17 e 22 de agosto, na sede do Sinduscon- DF. O evento teve como objetivo apresentar as melhorias alcançadas pelas construtoras a partir da implementação do PBQP-H, apresentando as práticas adotadas em outros segmentos que podem contribuir para melhoria da gestão de empresas de construção civil.

O ICQ Brasil foi representado no evento por sua gerente técnica, Tatiana Jucá, que ministrou palestra sobre Custos da Falta de Qualidade na Construção Civil, destacando a necessidade de um sistema de monitoramento amplo e contínuo do trabalho realizado pela empresa, tendo em vista que a perda não está atrelada somente ao consumo indevido de materiais componentes, produtividade da mão de obra, mas também está relacionada com a ausência da qualidade.

Certificação Qualidade Brasil (ICQ Brasil) saiu a campo para aplicar uma pesquisa de mercado junto às empresas certificadas no PBQP-H em Goiás. A maioria das empresas que se prontificou a responder à pesquisa é formada por médias e grandes empresas, totalizando 77% da

amostra. Além disso, 85% delas atuam em Goiânia e apenas 25% no interior do Estado.

Quando perguntadas se o sistema de gestão da qualidade implementado trouxe melhorias, 100% das empresas indicaram “sim” como resposta. Numa escala de 1 a 5, houve melhora em gestão de negócios (40%), conscientização/motivação dos funcionários, aumento de produtividade e organização do canteiro (33% para cada item). Itens como organização interna (43%), aumento de qualidade (63%) e melhoria nos controles de processo (33%) foram percebidos como importantes, mas foram apontados em 2º, 3º e 4º lugares. ➔





No canteiro de obras: sistema de gestão recebe avaliação positiva da indústria

“Qualidade insatisfatória significa utilização insatisfatória dos recursos, implicando em desperdícios de material, mão de obra e tempo de equipamento. Por outro lado, qualidade satisfatória significa utilização satisfatória dos recursos e, por conseguinte, custos reduzidos.”

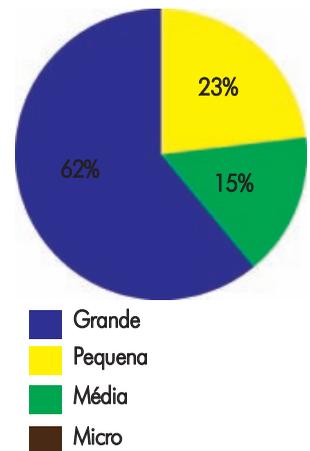
Armand Vallim Feigenbaum, doutor em Ciências pelo Instituto Tecnológico de Massachusetts, considerado um dos “pais” dos sistemas de qualidade

Avaliação das melhorias sob a ótica do empresário

O que melhorou no desempenho da empresa?

| O que melhorou no desempenho da empresa? | 1º lugar | 2º lugar | 3º lugar | 4º lugar | 5º lugar |
|---|----------|----------|----------|----------|----------|
| Melhoria da organização interna | 29% | 43% | 0% | 14% | 14% |
| Conscientização/ motivação dos funcionários | 33% | 0% | 33% | 0% | 33% |
| Melhoria nos controles de processo | 11% | 0% | 11% | 33% | 44% |
| Aumento da padronização interna | 25% | 25% | 25% | 13% | 13% |
| Aumento da qualidade | 13% | 0% | 63% | 13% | 13% |
| Melhoria dos serviços/produtos | 29% | 14% | 14% | 29% | 14% |
| Aumento da produtividade | 33% | 0% | 33% | 0% | 33% |
| Satisfação dos clientes | 14% | 0% | 57% | 14% | 14% |
| Gestão de negócios | 40% | 20% | 20% | 0% | 20% |
| Avaliação de indicadores de desempenho | 17% | 0% | 17% | 17% | 50% |
| Capacitação/treinamento dos funcionários | 22% | 11% | 22% | 11% | 22% |
| Organização do canteiro | 33% | 33% | 17% | 0% | 17% |
| Redução de desperdício | 29% | 14% | 0% | 29% | 29% |

As empresas que participaram da pesquisa



Ferramentas vitais

A globalização e a exigência de competitividade empurram empresas em todo o mundo rumo à diferenciação das mais variadas formas, seja com uso de novas tecnologias, seja com o aperfeiçoamento das já existentes. O conhecimento e a aplicação de sistemas de gestão tornam-se cada vez mais ferramentas vitais para a sobrevivência das empresas, contribuindo para a produção com alta qualidade e ao menor custo possível.

Para acompanhar as exigências e o desenvolvimento do mercado, as empresas estão se conscientizando da importância da qualidade na construção civil. Dessa forma, a busca pela adesão ao PBQP-H tem aumentado significativamente, conforme destaca o engenheiro Jair Garcia, especialista em Infraestrutura do Ministério das Cidades.

O ministério, diz Garcia, espera ampliar de forma significativa o número de organizações certificadas no âmbito do Sistema de Avaliação da Conformidade de Serviços e Obras da Construção Civil (SiAC). Acima de tudo, acrescenta ele, a expectativa é de que “as em-



Jair Garcia: menor desperdício e menos retrabalho nas construções

presas do setor incorporem aos seus procedimentos, efetivamente, os benefícios que a melhoria da qualidade pode trazer, com a redução de desperdícios, o aumento da produtividade e a diminuição do retrabalho, principais fatores

de redução dos custos de produção.”

Os avanços alcançados com a gestão da qualidade, prossegue Garcia, deverão ser transferidos aos clientes finais. Isso significa a construção de prédios mais duráveis e seguros, “construídos de maneira sustentável, proporcionando melhor qualidade de vida aos usuários”. Até o momento, o programa já registrou 2.250 adesões de empresas no nível D do SiAC. Desse total, 1.835 empresas ultrapassaram a fase de adesão, das quais 1.425 foram certificadas, sendo 1.278 no nível A. “Esses números têm experimentado um aumento acentuado com o lançamento, pelo governo, do programa Minha Casa Minha Vida”, completa.

Daqui para frente, o Ministério das Cidades aposta no processo de fortalecimento do Programa Brasileiro da Qualidade e Produtividade do Habitat, “como instrumento para assegurar, principalmente para o público de menor renda, obras com maior durabilidade, mais saudáveis, de manutenção mais simples, executadas de forma sustentável e com um custo menor.”

Negócio seguro para o cliente

Na visão de Gilmar Lopes Peixoto, gerente regional de Negócios da Caixa Econômica Federal em Goiás, a adesão ao programa ganha “importância relevante” quando se leva em conta que o PBQP-H incorpora ferramentas que tendem a elevar a capacidade da empresa de tomar decisões racionais, focadas no aumento da produtividade e da qualidade de seus empreendimentos. “Esses itens elevam sobremaneira a segurança das operações, além de proporcionarem a aplicação dos recursos de modo mais racional”, reforça Peixoto.

Ele destaca, igualmente, a evolução recente do programa no setor da construção e os impactos dessa tendência para quem adquire um imóvel. Regularmente, a Caixa exige o certificado do PBQP-H das empresas

candidatas a empréstimos no setor de construção. “Todas as empresas que entram na Caixa à procura de informações a respeito de linhas de crédito para a produção de unidades habitacionais são orientadas a buscar a qualificação”, afirma o gerente.

Informações colhidas no mercado da construção, constata Peixoto, permitem deduzir que tem havido “uma melhoria significativa no gerenciamento do resultado das incorporações, tanto no aspecto de qualidade, quanto de racionalidade, além de elevar o nível de segurança dos trabalhadores nas obras. Visualmente, temos verificado que as obras se encontram mais limpas, com pouco desperdício.”

Para os compradores, isso representa um risco menor de comprar “gato por lebre”, na



Gilmar Peixoto: maior segurança nas operações e menor risco para compradores

expressão usada por Peixoto, já que o programa certifica os processos da empresa e as certificadoras exigem a comprovação da manutenção dos procedimentos apreendidos para a renovação do certificado. ■

Soluções de vídeo monitoramento CMA Sua empresa ao alcance dos seus olhos.



A CMA oferece a mais avançada tecnologia em vídeo monitoramento para a sua empresa. Câmeras de segurança transmitindo via wireless, fibra óptica ou cabo, permitem monitoração através de uma central, com alta definição de imagens e gravação em tempo real.

Tel: (11) 3053-2614
www.cmatelecom.com.br
telecom@cma.com.br

CMA *Telecom*



A homenagem e os homenageados: Jânio Carlos Freire (Jean Darrot), Vanderlan Cardoso (Cicopal), Ubiratan Lopes (Vibracom), Cesar Helou (Laticínios Piracanjuba), governador Alcides Rodrigues, Armando Monteiro (CNI), José Garrote (SuperFrango), Alberto Borges (Caramuru) e Paulo Afonso (Fieg)

Prêmio à eficiência

FIEG E CNI PRESTAM HOMENAGEM A PERSONALIDADES DO MUNDO POLÍTICO E EMPRESARIAL QUE CONTRIBUÍRAM PARA ALAVANCAR A COMPETITIVIDADE DA INDÚSTRIA



Passava ligeiramente das 21 horas de quinta-feira, dia 24 de setembro, quando os presidentes da Federação das Indústrias do Estado de Goiás (Fieg), Paulo Afonso Ferreira, e da Confederação Nacional da Indústria (CNI), Armando Monteiro Neto, subiram ao palco do salão de gala do Clube Antônio Ferreira Pacheco, para iniciar a cerimônia solene de outorga das medalhas e diplomas da Ordem do Mérito Industrial versão 2009. A seu lado, tomavam posição autoridades e lideranças do empresariado e do mundo político, incluindo o governador Alcides Rodrigues Júnior, e o presidente do Banco Central, Henrique Meirelles.

Escolhidos criteriosamente, cinco empresários goianos, além do próprio governador, foram laureados pela Fieg, que distribuiu a outorga pela 19ª vez desde a primeira condecoração, ocorrida em 27 de março de 1968. Os números atestam o extremo rigor adotado na distribuição da comenda. Incluindo sua mais recente edição, ao longo de 41 anos 93 personalidades foram homenageadas por serviços relevantes prestados ao setor industrial.

Desta vez, acatando por unanimidade indicação

da Fieg, a diretoria da CNI concedeu o Mérito Industrial em sua edição nacional ao empresário Alberto Borges de Souza, presidente do Conselho de Administração da Caramuru Alimentos. A comenda da CNI completa meio século de tradição, premian-do pessoas e instituições.

Na relação da Fieg, foram escolhidos Cesar Helou, diretor comercial dos Laticínios Bela Vista (Laticínios Piracanjuba), que discursou em nome de seus colegas; Jânio Carlos Alves Freire, diretor presidente da Nova Moda Confeccções (Jean Darrot); José Carlos de Souza (José Garrote), diretor presidente do Abatedouro São Salvador (SuperFrango); Ubiratan da Silva Lopes, diretor proprietário da Pafisa Pré-Moldados Indústria e Comércio (Lajes Vibracom); e Vanderlan Vieira Cardoso, diretor presidente da Cicopal Indústria e Comércio de Produtos Alimentícios e Higiene Pessoal (Salgadinhos Micos).

A concessão de ambas condecorações, reforçou Paulo Afonso, “tem sido extremamente rigorosa e restrita, avaliados os indicados por uma comissão especial e aprovados pelo Conselho de Representantes da CNI e da Fieg.” ➔



“A concessão das condecorações tem sido extremamente rigorosa e restrita, avaliados os indicados por uma comissão e aprovados pelo Conselho de Representantes da CNI e da Fieg”

Paulo Afonso Ferreira, presidente da Fieg

De volta ao crescimento

Na avaliação tanto de Paulo Afonso Ferreira e de Armando Monteiro Neto quanto do presidente do Banco Central, Henrique Meirelles, que recentemente formalizou sua inscrição ao PMDB, a economia brasileira iniciou processo de recuperação à frente das demais economias ao redor do mundo, sugerindo capacidade de resistir a impactos negativos não presentida por vários analistas quando a crise mundial mostrou todas suas garras no trimestre final de 2008.

“Seria oportuno observar, em face das preocupações geradas com a crise econômica mundial”, ponderou Monteiro Neto, “que os últimos dados da economia brasileira parecem confirmar que o País caminha para a superação dos momentos mais adversos por ela ocasionados”. O presidente CNI considera, ainda, que a indústria, setor mais fortemente atingido pela crise, como consequência das restrições impostas ao crédito, aqui dentro e lá fora, e da forte retração da demanda mundial, afetando suas exportações, tem apresentado sinais de recuperação na margem.

Na comparação com o trimestre anterior, livre de efeitos sazonais, o Produto Interno (PIB), relembrou Monteiro Neto, experimentou crescimento de

1,9%, superando as expectativas iniciais. “A indústria foi o destaque positivo no trimestre. O PIB industrial cresceu 2,1% frente ao primeiro trimestre, contribuindo decisivamente para a expansão do indicador geral do produto”, afirmou.

Essa reação, retomou Paulo Afonso, refletiu a situação comparativamente mais sólida da economia. “Com esses fundamentos, a crise financeira que assolou os cinco continentes não teve no Brasil os efeitos devastadores verificados justamente nas nações tidas e havidas como economias consolidadas”, acrescentou.

A base para a vigorosa expansão, completou Monteiro Neto, pode ser identificada na evolução do consumo das famílias e do setor estatal e, ainda, nas medidas anticíclicas adotadas com “tempestividade e pragmatismo” pelos governos. “Esperamos que os próximos trimestres confirmem essa tendência”, desejou ele, lembrando que, a despeito dos resultados positivos alcançados mais recentemente pela economia, a crise ainda não foi inteiramente superada. Na comparação com o mesmo trimestre de 2008, o PIB ainda registrava, no segundo trimestre deste ano, queda de 1,2%, com perdas de 7,9% para a indústria nessa comparação. No primeiro semestre, o PIB industrial encolheu 8,6%, o que, para Monteiro Neto, sinaliza para resultados ainda negativos no encerramento do ano para o setor.

“Esperamos uma reação da taxa de investimento, que se estabilizou no segundo trimestre, interrompendo a tendência de queda observada nos períodos anteriores”

Armando Monteiro Neto, presidente da CNI





“Se é extraordinário o desenvolvimento econômico atual do Estado, que se destaca na estabilidade da economia brasileira, com certeza a parceria entre poder público e iniciativa privada constitui vetor preponderante nesse processo.”

Alcides Rodrigues, governador

Crescimento, com parcerias

O Produto Interno Bruto (PIB) de Goiás, medida que afere o volume de riquezas produzido pela economia, encerrou 2008 com crescimento de quase 300% em uma década, atingindo perto de R\$ 64 bilhões, afirmou em seu discurso o governador Alcides Rodrigues. Em seu discurso de agradecimento pela comenda outorgada pela Fieg, o governador creditou os avanços alcançados no Estado à parceria entre governo e empresariado. “Se é extraordinário o desenvolvimento econômico atual do Estado, que se destaca na estabilidade da economia brasileira, com certeza a parceria entre poder público e iniciativa privada constitui vetor preponderante nesse processo.”

Alcides Rodrigues lembrou que pesquisas recentes apontam para a perspectiva de realização de investimentos no Estado superiores a R\$ 30 bilhões até 2012, com a possibilidade

de criação de mais 110 mil empregos.

Entre as medidas adotadas por seu governo com foco no setor industrial, o governador mencionou o revigoramento do Fomentar, alcançado por meio da dilatação dos prazos de fruição e pela autorização da migração voluntária das empresas para o Produzir, “reabilitando projetos que dependiam de investimentos”. No rápido balanço feito pelo governador, desde 2006, o Produzir abrigou 432 projetos novos para instalação, ampliação e modernização de 364 empresas, que deverão gerar 86 mil empregos, investindo R\$ 24 bilhões, em grandes números. A GoiásFomento, de seu turno, prosseguiu o governador, atendeu 11,5 mil empresas em sete anos, concedendo créditos no valor de R\$ 185 milhões, o que assegurou a abertura de 42 mil empregos.

Construindo a nova agenda

Para que a recuperação ganhe sustentabilidade, avaliou o presidente da CNI, Armando Monteiro Neto, será preciso que o investimento volte a liderar o crescimento, como vinha ocorrendo até a explosão da crise. “Esperamos uma reação da taxa de investimento, que se estabilizou no segundo trimestre, interrompendo a tendência de queda observada nos períodos anteriores”, disse ele. A expectativa de retomada do fluxo de investimentos, avaliou Monteiro Neto, justifica-se em função do clima de maior confiança no futuro da economia.

Henrique Meirelles aproveitou para convocar os empresários a retomarem seus investimentos. “O Brasil voltou a crescer e sua economia está robusta. Agora é o momento para o setor privado voltar a investir.”

A esta altura, pontuou Monteiro Neto, “certamente não basta a superação da crise”. A agenda pós-crise, ainda não elaborada, deverá ter como objetivo a construção de condições para que o País entre num ciclo permanente de crescimento. “Ainda não estamos na situação que gostaríamos ou deveríamos. Temos grandes ineficiências de infraestrutura, custos sistêmicos elevados por conta de uma carga tributária pesada e mal distribuída, embora tenhamos avançado no ranking global da competitividade”, comentou. ➔

Ordem do Mérito: presidente da CNI entrega diploma ao empresário Alberto Borges, sob aplausos de Paulo Afonso e de Robson Braga de Andrade (Fiemg)





Estratégia e logística

A pequena Máquina Caramuru, instalada num barracão em Maringá (PR), onde beneficiava arroz e milho, mudou-se para Itumbiara, no sul de Goiás, ainda em 1975, onze anos após sua criação, para transformar-se em uma das maiores processadoras de soja, milho, girassol e canola do País e uma das raras no setor ainda sob controle de capital nacional. O parque industrial do grupo, que explora as marcas Sinhá e Equivita, passou a incorporar oito unidades, distribuídas entre Itumbiara, com quatro plantas – duas para processamento de milho e soja, uma fábrica de lecitina e outra para extração e refino de óleos vegetais –, mais duas em São Simão (soja e biodiesel) e duas em Apucarana (milho e extração de gérmen de milho).

Com 61 armazéns gerais distribuídos em Goiás, Mato Grosso e Paraná, suficientes para receber pouco mais de 2 milhões de toneladas de grãos, a Caramuru dispõe de capacidade para processar, anualmente, em torno de 1,5 milhão de toneladas de soja e 677 mil toneladas de milho, além de refinar 230 mil toneladas de óleos de soja, milho, girassol e canola. Depois de faturar em torno de R\$ 2,1 bilhões no ano passado, a empresa espera crescimento ao redor de 10% para este ano, com receita bruta na faixa de R\$ 2,4 bilhões. Diante das mudanças em curso no cenário internacional mais conturbado, as exportações estão previstas em US\$ 411 milhões neste ano, num recuo de 11% em relação a 2008, quando embarcou US\$ 464 milhões, respondendo por mais de 11% das exportações goianas totais.

Sua visão estratégica levou a Caramuru a direcionar investimentos na produção de soja e farelo não transgênicos, em busca de diferenciação, e para o setor de logística, trunfo que, na avaliação do presidente de seu conselho de administração, Alberto Borges de Souza, agrega competitividade à operação da empresa e ajuda a explicar seu crescimento nos últimos anos.

Os investimentos em logística foram intensificados a partir de 1999, com a construção de um terminal em Pederneiras, o início da operação do armazém XL no Porto de Santos, em parceria com a Citrosuco/Fisher e a construção de um terminal, também em Santos, em associação com a América Latina Logística (ALL), num total aproximado de US\$ 21,2 milhões no total. Outros US\$ 10 milhões foram aplicados, em 2003, na aquisição de cinco locomotivas e 120 vagões graneleiros, que atualmente opera na ligação ferroviária entre Pederneiras e Santos.

Em junho de 2010, a empresa planeja iniciar a fase de testes de sua nova planta de biodiesel em Ipameri (GO), num investimento de R\$ 54 milhões em valores arredondados. A fábrica terá capacidade para produzir 110 milhões de litros do biocombustível, além de 11 mil toneladas de glicerina, e faz parte do pacote de projetos anunciado por Alberto Borges em agosto. No total, incluindo a montagem da nova unidade e a expansão dos complexos instalados em Itumbiara e em São Simão, a Caramuru deverá investir R\$ 104,75 milhões, gerando 1.487 empregos diretos e indiretos.

EMPRESA SAI NA FRENTE E, AINDA EM MEIO À CRISE NOS MERCADOS MUNDIAIS, ANUNCIA INVESTIMENTOS DE R\$ 104,7 MILHÕES NA EXPANSÃO DE SEU NEGÓCIO

Complexo da empresa em Itumbiara: para Alberto Borges, trunfo principal está na logística e na diferenciação de produtos





A EMPRESA QUE COMEÇOU PRODUZINDO MANTEIGA EM INSTALAÇÕES MODESTAS TRANSFORMA-SE NUMA DAS MAIORES DO ESTADO E PREPARA-SE PARA DOBRAR DE TAMANHO

A nova fase da expansão

Nos próximos cinco anos, o Laticínios Bela Vista, dono da mais tradicional marca do setor no Estado, deverá dobrar de tamanho e consolidar sua presença em todo o mercado brasileiro, de acordo com o empresário Cesar Helou, presidente do grupo. Neste exato momento, a empresa constrói em Bela Vista de Goiás, onde decidiu concentrar toda sua operação até aqui, uma indústria de leite em pó com capacidade para 1,2 milhão de litros por dia. A nova indústria deverá entrar em funcionamento no final do primeiro semestre de 2010.

“Também estamos iniciando a implantação de uma indústria de leite longa-vida em Santa Catarina, que deverá entrar em operação no final do próximo ano”, acrescenta o empresário, para reforçar, na sequência: “Com esses investimentos, deveremos dobrar de produção em cinco anos e passaremos a ser uma empresa atuante no Brasil inteiro”. Neste ano, a empresa espera aumentar seu faturamento em 30% e prepara outras novidades para maio e junho do ano que vem, quando novos lançamentos deverão ser apresentados ao mercado.

A história da empresa começou a ser escrita há mais de meio século, com a fundação, em 1955, do Laticínios Piracanjuba, criado para produzir a famosa manteiga sob a mesma marca que dava nome à indústria. O Laticínios Bela Vista surgiria 31 anos mais tarde, com a inauguração de uma fábrica de queijos, no município que passou a emprestar seu nome ao grupo, com capacidade para 5 mil litros por dia. Em 2002, foi instalada a primeira linha de envase de leite longa-vida, com capacidade para 300 mil litros por dia. Assim, a empresa passava a processar, diariamente, 450 mil litros de leite.

Helou na nova fábrica: capacidade para processar, hoje, 1,6 milhão de litros por dia

À custa de vigorosos investimentos, entre 2004 e o ano passado, a capacidade instalada ainda foi multiplicada em três vezes e meia, num projeto que incluiu a instalação de uma fábrica de leite e soro em pó para 500 mil litros por dia, também em Bela Vista, e a implantação da primeira unidade fora de Goiás. A partir de 2005, a empresa passa a produzir queijos em Alto da Boa Vista (MT), processando 50 mil litros diariamente. No ano seguinte, foi ampliada a unidade de leite longa-vida para 1,25 milhão de litros por dia e iniciada a produção de creme de leite e achocolatado em caixas longa-vida.

O ano passado marcou a entrada do laticínio no segmento de leite condensado e a expansão de sua capacidade para 1,6 milhão de litros. A diversificação da carteira de produtos, que hoje agrega mais de 100 itens sob as marcas Piracanjuba, Pirakids e Salé, conta Helou, permitiu que a empresa reduzisse a dependência em relação ao leite longa-vida, assegurando flexibilidade para enfrentar oscilações no mercado. Entre 2004 e 2008, o total de empregados mais do que dobrou, passando de 300 para 700 empregados.





**JEAN DARROT
TRANSFORMA-SE
EM MARCA
RECONHECIDA NO
MUNDO DA MODA E
PREPARA-SE PARA
CONCLUIR NOVA
ETAPA DE EXPANSÃO
NO PRÓXIMO ANO**

Um dia depois do outro

Aos 54 anos, o empresário Jânio Carlos Alves Freire, veterinário por formação, tem planos ainda mais ousados para o futuro próximo. Para quem estreou na carreira empresarial como vendedor de balas no cinema de sua cidade e montou, anos mais tarde, a partir de Trindade (GO), uma das mais conceituadas indústrias do setor de confecções do Estado, vencer desafios parece fazer parte de uma rotina.

A Nova Moda Confecções, dona da consagrada marca Jean Darrot, foi aberta em 1984, “com uma máquina de costura e dois funcionários”, relembra o empresário. A Jean Darrot opera atualmente um complexo industrial que inclui as áreas de criação e design, produção e administração, lavanderia, acabamento e distribuição, e emprega 550 funcionários diretamente, gerando outros 1,5 mil empregos indiretamente.

Com investimentos de R\$ 10 milhões programados para 2009, Freire projeta crescimento de 20%, o que faria a produção avançar de 300 mil em 2008 para 360 mil peças neste ano, entre calças jeans, camisas, camisetas, vestidos, batas e saias. “Mesmo com a crise econômica mundial, a Jean Darrot manteve sua produção e o cresci-

mento no mercado. Neste final de ano, vamos inaugurar mais duas lojas e, em 2010, esperamos chegar a 20 pontos de venda, inclusive com a primeira loja no Distrito Federal”, reforça. A empresa atua em praticamente todas as linhas, incluindo modinha, com jaquetas e macacões, entre outros, malharia, moda masculina e feminina.

O empresário atribui o crescimento ininterrupto ao longo desses 25 anos principalmente à “qualidade dos produtos, à técnica moderna aplicada à produção, pesquisas constantes da moda no Brasil e no exterior.” O departamento de criação da Jean Darrot, instalado em Goiânia, apresenta ao mercado, todos os meses, mais de uma centena de novos modelos, demonstrando capacidade de renovação para atender às exigências do mercado e acompanhar as últimas tendências no mundo da moda. Atualmente com 14 lojas em Goiás, 10 das quais em Goiânia, e 1 em Belo Horizonte, numa rede distribuída estrategicamente, conforme Freire, a Jean Darrot espera concluir no início do próximo ano a ampliação do parque industrial de Trindade, com instalação de refeitório, auditório e novas salas.



Em fase de ampliação: Jânio Freire prevê aumento de 20% na produção em 2009



NOVO PLANO DE EXPANSÃO DA EMPRESA PREVÊ O ABATE DE 320 MIL AVES POR DIA EM 2012, MAS O ABATEDOURO JÁ TEM ESTRUTURA PARA PROCESSAR 400 MIL FRANGOS

De Itaberaí para o mundo

Mesmo para quem vive de perto o mercado, é preciso presteza e agilidade para acompanhar o ritmo frenético imposto pelo empresário José Carlos de Souza na operação da SuperFrango, instalada em Itaberaí. Mais conhecido como Zé Garrote, ele lembra que a empresa nasceu com os olhos postos no futuro. “Para que uma empresa possa se perpetuar, é preciso transparência, qualidade, eficiência e comprometimento com o meio ambiente e com a sociedade”, discursa.

No curto espaço de duas décadas, a SuperFrango deverá sair de um abate limitado a 2,3 mil para 320 mil aves por dia, meta estabelecida para 2012, mas que poderá ser ultrapassada. “Com as novas tecnologias que aportam no setor e alguma reestruturação em nosso parque industrial, poderemos atingir 384 mil aves por dia”, já adianta Zé Garrote. Essa nova etapa de expansão, que incluirá uma linha de produtos industrializados, deverá exigir investimentos de R\$ 230 milhões, entre novas instalações industriais e aviários, dos quais perto de R\$ 90 milhões deverão ser bancados pela empresa.

O primeiro lote de frangos foi abatido precisamente no dia 1º de março de 1991. Desde então, a empresa não parou de crescer, avançando a um ritmo anual de 20% na contabilidade de Zé Garrote. “Naquele mês de março abatemos 62 mil aves. Hoje, estamos matando entre 5,1 milhão a 5,2 milhões de aves por mês, em torno de 200 mil animais por dia”. Dentro de um planejamento pré-estabelecido, as primeiras instalações foram concebidas para atender a um abate de 24 mil aves diariamente, mas o maquinário instalado só comportava 8 mil animais por dia. “Completamos essa fase em 1997, quando ocupamos a capacidade plena”, relata.

Zé Garrote e sua linha de abate: exportações já representam 7,5% da produção

Antes, no entanto, o projeto de instalação da fábrica de rações já havia sido detonado, porque a ideia, concebida em 1992, era partir para o sistema de integração, que fazia sucesso no Sul do País. Com a fábrica pronta para produzir 30 toneladas por hora de rações e concluída a primeira etapa do abatedouro, a SuperFrango estava pronta para enfrentar seu novo desafio. Ainda em 1999, seu novo planejamento estratégico definiu como meta atingir uma capacidade de 256 mil aves por dia em 2012. Nesse intervalo, montou o melhor incubatório da América Latina, conforme Zé Garrote, com espaço para 10,760 milhões de ovos e produção de 7 milhões a 8 milhões de pintos por mês. Hoje, o complexo em Itaberaí abriga, além das linhas de abate, uma fábrica de rações revigorada, com capacidade agora para 120 toneladas por hora, armazéns para soja (15,5 mil toneladas) e milho (60 mil toneladas). “Nossa estrutura já permite abater 400 mil aves por dia”, afirma Zé Garrote.

Em 2008, foram exportadas 6,5 mil toneladas. Para este ano, prevê exportar 9 mil a 10 mil toneladas, em torno de 7,5% da produção total, para 25 países. ➔





**GRUPO REÚNE
QUATRO EMPRESAS E
FOI A PRIMEIRA A
PRODUZIR TELHAS
COLORIDAS DE
CONCRETO NO
ESTADO, GANHANDO
VISIBILIDADE NUM
MERCADO
DOMINADO POR
MULTINACIONAIS**

**No pátio da Pafisa: produção cresce
acima de 10% ao ano, diz Ubiratan Lopes**

Telhas e blocos ao ponto

Pontualidade, qualidade e atendimento diferenciado ao cliente. A receita, prescrita pelo homem atrás do balcão, pode parecer conversa de vendedor para quem não o conhece. Na verdade, foi esse o caminho escolhido pelo empresário Ubiratan da Silva Lopes para transformar a Vibracom, nascida no centro de Anápolis, em uma marca reconhecida pelo mercado. Sob seu comando, o grupo reúne, hoje, quatro indústrias e um portfólio com mais de duas dezenas de produtos pré-moldados, além de acumular o mérito de ter sido a primeira empresa a produzir telhas de concreto coloridas no Estado.

Aos 14 anos, Lopes empregou-se pela primeira vez como faxineiro em uma indústria instalada na esquina das Ruas 23 e 4, em Goiânia, em frente ao sindicato dos bancários. Foi estagiário do Instituto Euvaldo Lodi (IEL) e cursou a então Escola Técnica Federal de Goiás antes de se tornar empresário do setor da construção. A Lajes Vibracom seria criada em 1986, com cinco funcionários, e dedicava-se exclusivamente à produção de lajes pré-moldadas. Cinco anos depois, Lopes abriu a Pafisa Pré-Moldados, transferindo a fábrica para o Distrito Agroindustrial de Anápolis (Daia), onde hoje está localizada a matriz do grupo. “Saímos de uma área de 2 mil para outra de 21 mil m², o que representava maior espaço para crescer. Aí, sim, conseguimos ser

conhecidos no Estado, em Brasília, no Pará e na Região Norte em geral”, aponta Lopes.

A linha de produção registrou evolução semelhante, com a empresa embarcando num projeto de diversificação de produtos para incluir lajes treliçadas, blocos de concreto estrutural e de vedação. No início da década, Lopes anteviu a necessidade de abrir nova indústria, mas no Distrito Agroindustrial de Aparecida de Goiânia (Daiag), que então surgia como uma possibilidade mais concreta. Foi criada a Delfus Pré-Moldados Indústria e Comércio, montada em 2004 para produzir, pela primeira vez no Estado, telhas em concreto colorido, num mercado dominado por um grande grupo de capital francês. Concorrendo com a Lafarge, a Delfus levou a marca Vibracom para o Triângulo Mineiro, Tocantins, parte da Bahia e, mais uma vez, Distrito Federal e Pará, conta Lopes. “Alcançamos dimensão nacional.”

Mais duas empresas foram criadas pelo empresário, sempre na linha de diversificação. No Daia, em Anápolis, foram instaladas a Contelhas, em 2008, numa área total de 25 mil m², e a Conpostes e Galpões Pré-Moldados, ocupando uma área de 21 mil m². Com 225 empregos gerados nas quatro empresas, o grupo tem conseguido superar a meta estabelecida em 2005. A produção tem crescido, na média, a taxas anuais superiores aos 10% previstos.





**COM NOVOS
INVESTIMENTOS
ENGATILHADOS
NAS ÁREAS DE
SALGADINHOS
E PRODUTOS
DE HIGIENE, EMPRESA
ESPERA CRESCER
ENTRE 30% E 40%
EM 2010**

Vanderlan e a linha de salgadinhos:
mercado aquecido em 2009 e previsão
de mais crescimento para 2010

O salto da Cicopal

Desde o início de suas operações, em 1993, a Cicopal Indústria e Comércio de Produtos Alimentícios e Higiene Pessoal tem conseguido preservar taxa média de crescimento anual na casa dos 20%, aponta seu presidente, Vanderlan Vieira Cardoso, atual prefeito de Senador Canedo (GO). Nessa marcha, seria possível dobrar de tamanho a cada cinco anos, mais ou menos. Para 2010, no entanto, as previsões são ainda mais animadoras. A fabricante do tradicional salgadinho Mico's, com presença em todos os mercados do País, espera crescer entre 30% e 40%, graças aos investimentos que vem realizando na expansão de suas linhas, implantação de novas e na diversificação da carteira de produtos.

A empresa, na verdade, foi inaugurada em 1991, em Brasília, mas suas atividades foram de fato iniciadas em 1993, com a produção de salgadinhos de milho. Desde então, a estratégia de mercado desenvolvida definiu o público infantil como alvo principal no segmento de snacks. "Em 1996, percebemos a necessidade de diversificar a produção, incluindo em nosso portfólio a produção de batatas fritas e, mais tarde, de refrescos em pó", relembra Cardoso. Foi também naquele ano que a Cicopal desembarcou em Senador Canedo, atraída pela política agressiva de incentivos fiscais do governo de Goiás.

Desde lá, outras três fábricas foram criadas – uma segunda em Senador Canedo, onde tam-

bém produz seus próprios displays, outra em Camaçari, na Bahia, e uma terceira em Benevides, no Pará –, todas dedicadas ao setor de produtos alimentícios e bebidas não alcoólicas (refrescos em pó e refrigerantes, segmentos em que a Cicopal também atua em regime de terceirização). Em meados deste ano, afirma Cardoso, a Cicopal investiu numa indústria de produtos de higiene pessoal, em parceria com o grupo Neoquímica, de Anápolis, fabricante de medicamentos genéricos.

Até o momento, a unidade já recebeu investimentos de R\$ 35 milhões e deverá atingir 80% de sua capacidade no final da primeira metade do próximo ano, com a produção de creme e gel dental para adultos e crianças, toda a linha de fraldas e absorventes. Mas o empresário não tem planos de parar por aí. Mais R\$ 5 milhões estão sendo investidos na ampliação da Cicopal em Senador Canedo, na produção de biscoitos de trigo (wafer, rosquinhas e outras variedades), além de R\$ 8 milhões na unidade do Pará, para atender ao crescimento da carteira de clientes na linha de refrigerantes.

"Na média, investimos todos os anos entre 7% e 10% de nossas receitas em aquisições de máquinas, atualização, modernização e expansão do parque industrial", informa Cardoso. A expansão já acertada exigirá a contratação de 400 a 500 funcionários, num avanço de praticamente 50% em relação ao quadro atual. ■





MUITO ALÉM DE CARNES E SOJA

MISSÃO COMERCIAL GOIANA PERCORRE CHINA E RÚSSIA, DOIS MAIORES MERCADOS PARA AS EXPORTAÇÕES DO ESTADO, EM BUSCA DE OPORTUNIDADES DE NEGÓCIOS E INVESTIMENTOS

Soja e seus derivados, especialmente o farelo; carnes bovina, suína e de frango. Até aqui, esses produtos dominam amplamente a pauta de comércio entre Goiás, China e Rússia – países que, não por acaso, responderam por 35% do crescimento das exportações totais realizadas a partir de Goiás nos últimos cinco anos. A China tornou-se, desde o ano passado, o principal mercado de destino das vendas externas goianas, enquanto a Rússia responde pela maior parcela das carnes exportadas pelo Estado, depois de ocupar, também em 2008, a terceira posição no ranking dos principais países importadores de produtos goianos.

Os números configuram o caráter estratégico da missão comercial que percorreu, entre 7 e 18 de setembro, as regiões de Pequim, Hebei, com passagem por Tangshan, uma cidade literalmente em fase de construção, depois Moscou, com escala final em Dubai, nos Emirados Árabes, antes do desembarque em Goiânia. Participaram seis dezenas de lideranças empresariais e políticas do Estado, tendo à frente o governador Alcides Rodrigues e cinco secretários estaduais, além do presidente da Fieg, Paulo Afonso Ferreira, quatro presidentes de sindicatos da indústria e o presidente da Valec, José Francisco das Neves.

Numa agenda carregada, recheada por encontros com lideranças políticas e empresariais chinesas e russas, a comitiva goiana se propôs, como principal desafio, incrementar a pauta de negócios com as duas regiões, indo além da soja e das carnes. Tratou-se de prospectar mercados e oportunidades de investimento em um leque amplo de setores básicos para a economia goiana, a começar pela infraestrutura de transportes e de energia elétrica, passando pela mineração e, obviamente, pela agropecuária, mas incluindo, ainda, segmentos de alta tecnologia, como a produção de fármacos e medicamentos.





Hebei: possibilidade de investimentos em infraestrutura



Goiás e Pequim: seminário apresenta oportunidades de negócios

Mudança de foco

“Não há como dizer que a participação empresarial na missão à China e à Rússia não foi extremamente compensatória”, comenta Plínio Viana, gerente do Centro Internacional de Negócios da Federação das Indústrias do Estado de Goiás (CIN). “O governo”, continua ele, “fez bons contatos nas áreas de energia, infraestrutura de transporte, mineração, crédito e financiamento internacional.”

A passagem pela China, diz Viana, rendeu contatos com possíveis fornecedores de equipamentos e insumos para os segmentos de gesso, confecções, pequenas hidrelétricas, siderurgia e outros. “Houve um contato promissor para a instalação de uma siderúrgica em Goiás, tendo que se viabilizar a extração do minério de ferro

e de realizar a adaptação da tecnologia do forno, que é a carvão mineral”, detalha.

Em sua terceira visita ao país, Paulo Afonso aponta mudança de atitude nada trivial de parte das autoridades chinesas. Nos primeiros contatos, havia demonstração explícita do interesse chinês apenas por matérias-primas básicas do Brasil e para venda de eletroeletrônicos, máquinas, equipamentos e veículos, entre outros, com foco para os mercados da Europa e dos Estados Unidos. Como crise mundial abalou de maneira muito mais severa as economias mais desenvolvidas, considera Paulo Afonso, a China redirecionou seu radar para a América Latina, agora percebida como uma região de interesse comercial e empresarial.

Commodities ainda na liderança

Na visão do gerente do CIN, Plínio Viana, “a China parece contar com várias matérias-primas brasileiras, entre elas o minério de ferro e a soja, para sustentar seu crescimento.” A perspectiva de ampliação do comércio entre os dois países, completa, transforma o mercado chinês em mais do que uma promessa, “mas uma realidade no comércio bilateral com o Brasil, já sendo o maior parceiro comercial do Estado de Goiás”.

Na Rússia, onde a missão permaneceu menos de três dias, os contatos se resumiram à exploração mais efetiva do comércio de carne, com “probabilidade de negócios com café e açúcar”, resumiu Viana

Puxadas pela soja, no caso chinês, e pelas carnes, quando se considera o mercado russo, as exportações goianas para a China foram multiplicadas em mais de 15 vezes entre 2003 e 2008, saindo de US\$ 50,192 milhões (ou 4,55% do total exportado pelo Estado) para US\$ 765,688 milhões (18,71% do total). O mercado chinês absorveu US\$ 24 a cada US\$ 100 exportados a mais pelo Estado. As exportações para a Rússia aumentaram 820%, de US\$ 40,444 milhões (3,67% do total) para US\$ 372,101 milhões (9,09%).

Apetite chinês supera o russo

Exportações goianas para China e Rússia, em US\$ milhões, e participação no total

| Ano | China | Participação (em %) | Rússia | Participação (em %) |
|----------------|---------|---------------------|---------|---------------------|
| 2003 | 50,192 | 4,55 | 40,444 | 3,67 |
| 2004 | 59,725 | 4,23 | 39,662 | 2,81 |
| 2005 | 201,269 | 11,08 | 95,278 | 5,25 |
| 2006 | 334,757 | 16,0 | 62,488 | 2,99 |
| 2007 | 314,570 | 9,88 | 245,168 | 7,70 |
| 2008 | 765,688 | 18,71 | 372,101 | 9,09 |
| 2009 (jan-ago) | 664,967 | 26,73 | 113,787 | 4,57 |

Fonte: Mdic

Números piores na balança comercial

O superávit comercial do País, resultado da diferença entre exportações e importações, despencou em setembro, registrando o pior desempenho desde janeiro, quando houve déficit de US\$ 529 milhões, refletindo então a forte retração da demanda mundial como decorrência da crise. Desta vez, quando a economia global ensaia alguma recuperação, os maus resultados na área externa parecem mais relacionados a alguns fatores principais: a queda recente dos preços das commodities agrícolas, a redução de excedentes exportáveis, com o aparente esgotamento da safra de soja, e a persistente valorização do real frente ao dólar, o que determina remuneração mais baixa para os exportadores e barateia, na outra mão, o custo dos produtos que o Brasil importa, num cenário de reaquecimento gradual da atividade econômica.

No mês passado, as exportações brasileiras despencaram 30,7% em relação a setembro de 2008, encolhendo de US\$ 20,017 bilhões para R\$ 13,864 bilhões. As importações também anotaram decréscimo, mas em ritmo menos intenso, passando de US\$ 17,259 bilhões para US\$ 12,534 bilhões – um tombo de 27,4%. Como consequência, a diferença entre exportações e importações, o chamado saldo comercial, desabou de US\$ 2,758 bilhões para US\$ 1,330 bilhão – menos 51,8%.

Guardadas as proporções, os resultados da balança comercial de Goiás seguiram tendência semelhante, mesmo porque as exportações originadas no Estado anotam maior dependência em relação aos produtos básicos, especialmente soja e carnes. As vendas externas goianas baixaram 11,7% entre setembro de 2008 e igual período deste ano, saindo de US\$ 351,267 milhões para US\$ 310,232 milhões, enquanto as importações recuaram 10,5% (de US\$ 295,635 milhões para US\$ 264,469 milhões). Dessa forma, as exportações superaram as importações por uma diferença de apenas

US\$ 45,763 milhões, o pior resultado desde o déficit de US\$ 8,522 milhões registrado em março passado. Em setembro de 2008, a balança comercial goiana chegou a anotar superávit de US\$ 55,632 milhões. Na comparação entre os dois períodos, o saldo baixou 17,7%.

No acumulado dos primeiros nove meses deste ano, o País exportou US\$ 111,783 bilhões diante de US\$ 150,859 bilhões em idêntico intervalo de 2008, numa redução de 25,9%. As compras externas caíram 31% na mesma comparação, de US\$ 131,178 bilhões entre janeiro e setembro de 2008 para US\$ 90,508 bilhões no acumulado até setembro de 2009.

Em Goiás, também na comparação entre janeiro e setembro de cada ano, as exportações reduziram-se em 15,4% (de US\$ 3,306 bilhões para US\$ 2,798 bilhões), frente à retração de 18,1% para as importações (de US\$ 2,377 bilhões para US\$ 1,946 bilhões). O superávit caiu 8%, saindo de US\$ 928,759 milhões para US\$ 851,730 milhões. ■



World Food: empresários visitam feira de alimentação na Rússia



O ponto de equilíbrio

No debate dos projetos que tramitam na Assembleia, indústria e parlamentares procuram soluções para harmonizar crescimento e meio ambiente

A formatação da quarta edição da Agenda Legislativa da Indústria Goiana, distribuída aos parlamentares e apresentada à sociedade no dia 7 de outubro, exigiu trabalho árduo de técnicos e de empresários, que se debruçaram durante semanas sobre quase 80 projetos de lei em tramitação na Assembleia Legislativa de Goiás. Desse total, a versão 2009 da agenda contempla 29 projetos, selecionados de acordo com sua importância para o setor e para a sociedade.

“Não fazemos mais trabalho corporativo. Nosso foco é o interesse de todos. Quando a sociedade vai bem, a indústria também avança”, afirmou o presidente da Federação das Indústrias do Estado de Goiás (Fieg), Paulo Afonso Ferreira, ao apresentar o resultado daquele trabalho aos parlamentares goianos.

Depois de deparados pelos técnicos e assessores parlamentares da Fieg, os projetos foram discutidos pelos conselhos temáticos da entidade e submetidos a presidentes de sindicatos setoriais, executivos e donos de



Helder Valim e Paulo Afonso: contribuição para o aprimoramento do debate democrático

empresas industriais em todo o Estado. O resultado foi oficialmente entregue por Paulo Afonso ao presidente da Assembleia, deputado Helder Valim (PSDB).

Criada pela Confederação Nacional da Indústria (CNI) para servir como instrumento de participação do setor nas decisões do Congresso, a agenda foi posteriormente adotada pelas federações estaduais do setor. “Historicamente, a indústria sempre correu atrás do fato consumado, em parte por culpa nossa também. A agenda cria a ferramenta para defender, de forma legítima, sistemática e transparente, os anseios do setor produtivo e de contribuir para o aperfeiçoamento da le-

gislação brasileira”, definiu Paulo Afonso.

Valim recebeu a agenda como uma contribuição do setor industrial para o aperfeiçoamento do debate democrático, lembrando que havia se tornado usual o encaminhamento, a votação e aprovação de projetos em um único dia, não raro atravessando madrugadas para a publicação no dia seguinte no Diário da Assembleia. “Reformulamos o trâmite dos projetos e o regimento interno para que as propostas possam ser realmente debatidas e melhor analisadas. Dessa forma, se um parlamentar exercer todas suas prerrogativas, qualquer projeto exigirá no mínimo 15 dias para aprovação”, afirmou.



Vieira: combate aos aumentos de impostos e à burocracia excessiva

Mais impostos, não

Em última análise, continuou o presidente da Fieg, o documento enviado aos parlamentares “resulta do processo de aprimoramento e amadurecimento da própria sociedade e institui um processo permanente de cooperação e de participação dos empresários nas discussões de projetos de interesse de toda a sociedade na Assembleia, com transparência e ética, mas sem submissão.”

Dentre 29 propostas escolhidas, 22 apresentam pontos de divergência em relação aos interesses maiores do Estado e de sua economia, na visão da Fieg, 4 foram considerados parcialmente convergentes e 3 convergentes sem ressalvas. Os projetos tratam de temas ambientais, num total de 12, assuntos econômicos (8), responsabilidade social (3), relações do trabalho (2), agronegócios (2) e infraestrutura (2).

Ao detalhar os princípios centrais que servirão de base para a avaliação de todos os projetos, o coordenador técnico da Fieg, Wellington da Silva Vieira, destacou, além da defesa da livre iniciativa, o combate a qualquer tentativa de aumento da carga tributária e da burocracia, insistindo ainda na defesa das empresas frente a ação de organismos estatais.

Agenda legislativa municipal

Construída nos mesmos moldes de sua versão estadual, a Agenda Legislativa da Indústria Goianiense, primeira do gênero no País, foi lançada no dia 4 de novembro, incluindo 25 projetos de interesse das indústrias instaladas em Goiânia. Segundo Margareth Dias Mendonça, assessora legislativa da Fieg, a maior parte das propostas, num total de 11 projetos, trata de temas ambientais, seguidos por 5 na área econômica, 3 institucionais, 2 na área de infraestrutura e 1 sobre relações trabalhistas.

Na área tributária, a Fieg opõe-se, por exemplo, ao projeto da deputada Isaura Lemos (PDT), que obriga as empresas beneficiadas por incentivos fiscais a preservar o nível de emprego, eximindo-se de “demissões exorbitantes e sem justa motivação”, fixando a destinação mandatória de 5% dos incentivos recebidos a programas de qualificação profissional. A proposta, avalia a agenda, “se mostra

inoportuna, já que a Lei do Produzir trata da questão de forma harmoniosa.”

No setor de infraestrutura, a federação apoia com ressalvas a proposta do deputado Thiago Cardoso (PMDB), que cria normas para que a administração pública, na execução direta ou indireta de obras de pavimentação, utilize produtos reciclados “oriundos de resíduos sólidos da construção civil”. Mas critica o projeto do deputado Túlio Isac (PSDB) que torna obrigatória a instalação de medidores individuais de consumo de água em condomínios.

As questões ambientais, consideradas críticas pela Fieg, diante do risco de consequências negativas para a atividade econômica e para a competitividade da indústria, receberão atenção especial no transcorrer do próximo ano legislativo. “Será preciso harmonizar as necessidades da sociedade e as exigências de preservação ambiental”, sustenta Paulo Afonso. Na relação de 12 projetos em tramitação na Assembleia que buscam regular aquelas questões, a Fieg tentará rechaçar, entre outros, dois projetos de autoria do deputado Mauro Rubens (PT). O primeiro deles proíbe a reciclagem de baterias no Estado e o segundo institui um plano diretor para resíduos sólidos. Mas apoia integralmente o projeto do deputado Marlúcio Pereira (PTB) que concede crédito presumido a empresas de reciclagem. O setor industrial discorda, no entanto, da proposta de suspensão por 180 dias da emissão de autorização para desmatamento de vegetação nativa daquele bioma.

NA PONTA DA LINHA

EquiPLEX investe em novo site para incrementar sua relação com o mercado e consolida a fabricação de soluções parenterais em regime fechado

Historicamente, o setor farmacêutico sempre foi marcado pela concorrência exacerbada, além de apresentar, como outra característica básica, o uso intensivo de capital. Num mercado em que a disputa por espaços tem sido protagonizada por gigantes multinacionais, a atualização tecnológica, a capacidade de inovação e a agilidade para transformar ideias em produtos e serviços podem fazer toda a diferença.

Lastreada nesses conceitos, a EquiPLEX Indústria Farmacêutica, empresa goiana com sede em Aparecida de Goiânia, hoje com cerca de 550 empregados diretos e capacidade para processar 150 milhões de unidades por ano em todas suas linhas, colocou no ar seu novo site – www.equiplex.com.br. Operando desde julho, a página da empresa na rede mundial de computadores adota conceitos e plataformas mais atuais do mundo digital, com o propósito de aproximar a EquiPLEX do mercado, ao facilitar o acesso de clientes e fornecedores.

Com design arejado e moderno, a navegação é favorecida pelo recurso a ferramentas desenvolvidas com base no que há de mais atual no setor. Links remetem os internautas, num exemplo, ao portfólio de produtos da EquiPLEX, permitindo sua visualização em vídeos e fotos, com opção de cotação on-line. O site oferece ainda a opção de consulta ao histórico da empresa e a todas suas ações, incluindo iniciativas de responsabilidade socioambiental, notícias atualizadas sobre sua atuação e a respeito de assuntos de interesse de clientes, parceiros e profissionais do setor de saúde.

Heribaldo Egídio, presidente da empresa, lembra que Goiás já sedia o terceiro maior polo farmacêutico do País e que as empresas do se-



Heribaldo Egídio: desenvolvimento de novos fármacos em parceria com centros de pesquisa

tor precisam estar preparadas para acompanhar esse crescimento, investindo em pesquisa e desenvolvimento e novos produtos. “Nesse sentido, a EquiPLEX fez parcerias com os centros de pesquisa e desenvolvimento das universidades Federal (UFG) e Católica de Goiás (UCG), os quais seguem simultaneamente linhas diferentes de pesquisa para inovação de fármacos que trarão, em breve, benefícios a toda sociedade”, afirma.

Em vigor desde o ano passado, a exigência da Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa) para que todos os fabricantes de soluções parenterais migrassem de sistemas abertos para fechados foi transformada em oportunidade de crescimento pela EquiPLEX. Depois de três anos de pesquisas exaustivas e R\$ 12 milhões em investimentos, a empresa optou

pela importação de tecnologia italiana para fazer a migração, ampliando a capacidade de produção da linha de soros em 50%. Foi desenvolvida a nova linha de produtos “bottleplex”, com perfil ecologicamente correto e que permite aplicação de qualquer medicamento, incluindo quimioterápicos.



Novo site: ferramentas facilitam navegação

Gestão ambiental

Numa parceria entre governo estadual, por meio da Secretaria Estadual do Meio Ambiente e Recursos Hídricos (Semarh), Federação das Indústrias do Estado de Goiás (Fieg) e Serviço de Apoio às Micro e Pequenas Empresas de Goiás (Sebrae-GO), será entregue no dia 11 de novembro o Prêmio Goiás de Gestão Ambiental 2009. Nesta edição, concorrem 45 instituições públicas e não-governamentais, empresas e pessoas físicas, diante de 41 participantes na versão realizada em 2007. O objetivo é realçar iniciativas e ações que mais se destacaram na preservação ambiental e no desenvolvimento sustentável.

Prêmio Finep

Dezenove projetos de empresas, instituições e de inventores goianos concorrem ao Prêmio Finep de Inovação, que teve seu julgamento realizado no dia 16 de outubro. O resultado final deverá ser divulgado no início de novembro. Daquele total, nove foram desenvolvidos por indústrias, cinco envolvem projetos de tecnologia social, três são de inventores e dois de institutos de ciência e tecnologia.



EXPOCRUZ 2009

Doze empresas goianas e dez de Mato Grosso do Sul, de diversos setores, participaram das rodadas de negócios e da Feira Expocruz 2009 (foto) em Santa Cruz de La Sierra, na Bolívia, entre 20 e 24 de setembro. Os eventos foram organizados e coordenados em nível nacional pelo Centro Internacional de Negócios de Goiás.

DEC Brasil em 6º lugar

A empresa goiana DEC Brasil conquistou a 6ª posição no ranking nacional das 200 empresas que mais cresceram no período de 2006 a 2008, de acordo com reportagem da revista Exame PME, edição agosto/setembro de 2009. Especializada na elaboração de projetos, fabricação de equipamentos e implementação de processos para a indústria alimentícia, a DEC Brasil cresceu 444,7% no período analisado.



Inovação em Goiás

Criado pelo Conselho Temático de Desenvolvimento Tecnológico e Inovação da Fieg, em parceria com Senai, IEL Goiás, Vilage Marcas e Patentes, Fapeg, Sebrae, Finep e Escritórios de Projetos (UCG e Fieg), o Prêmio Goiás de Inovação foi divulgado no dia 12 de novembro, juntamente com a realização da mostra Inova Sesi Senai. Em sua segunda edição, comenta o presidente do conselho, Ivan da Glória Teixeira (foto), a iniciativa expressa o esforço realizado pelos parceiros envolvidos no projeto para incluir a inovação na agenda das empresas goianas.

Na trilha do suco integral

Criada há três anos pela família Razia, a Vinigoíás, de Itaberaí, acelera os planos para colocar no mercado sua linha de vinhos Dell Nonno, mesmo rótulo de seu suco de uva integral e natural vendido em casas de produtos naturais, adegas e empórios de Goiânia, Brasília e Palmas. A intenção, segundo antecipa Anir Caetano Razia, diretor comercial da empresa, é produzir vinhos tinto, branco e rosé, sempre nas variedades seco, suave e demisecco.

A produção de suco varia entre 4 mil e 5 mil garrafas por dia, para uma capacidade próxima a 30 mil garrafas. Mas explorar integralmente o potencial da vinícola não parece ser um problema, no momento. “Temos duplicado a produção a cada ano e há uma procura crescente por produtos naturais, e nosso suco não leva conservantes e nem açúcar”, resume Razia.

Os Razia deixaram o Vale dos Vinhedos, em Bento Gonçalves (RS), em direção a Água Boa (MT), em busca de oportunidades para crescer. Em meados de 1997, seduzidos pelo mercado que parecia mais atraente em Goiás, desembarcaram, pais e mais quatro filhos, em Itaberaí, onde há 11 anos produzem uvas numa área atualmente de 11 hectares, colhendo duas safras por ano com rendimento médio de 30 toneladas por hectare. Por volta de 2006, a família investiu em torno de R\$ 800 mil para montar a estrutura física e industrial da vinícola, que passaria a agregar valor à produção local. A indústria emprega 12 funcionários, número acrescido de outros 20 empregados na fase de colheita, realizada de maio a outubro.

Anir Razia e seu suco integral: preparativos para lançar a linha de vinhos Dell Nonno



Sganzerla: produção de uvas vem sendo direcionada para supermercados e distribuidoras da fruta

Vinho? Só no fim do ano...

Este ano não tem sido tão bom assim para os negócios. Com excesso de oferta, os preços do litro de vinho a granel pagos aos produtores desabaram verticalmente, relata Giovani Sganzerla, enólogo contratado pela Vinícola do Centro-Oeste. Instalada em Santa Helena há oito anos pelos sócios Alberto Muraro, experiente vitivinicultor com raízes em Flores da Cunha, no Rio Grande do Sul, onde explora a atividade há mais de 50 anos, e Henrique Michelotti da Silva, atualmente baseado no Rio de Janeiro, a vinícola não despejou, neste ano, uma única gota de vinho no mercado.

“Produzimos 350 mil litros no ano passado e armazenamos todo ele à espera de uma reação no mercado”, afirma Sganzerla. A safra de uva deste ano, num total de 480 toneladas, vem sendo vendida para consumo a supermercados e distribuidoras, embaladas em caixas de um quilo sob a marca Uva Santa Helena. “Os preços do vinho caíram de R\$ 1,20 a R\$ 1,30 por litro no ano passado para R\$ 0,60 a R\$ 0,70 neste ano, o que sequer cobre os custos de produção”, justifica Sganzerla.

A Vinícola Santa Helena ocupa área de 2 mil metros quadrados, reserva outros 37 hectares para o cultivo de uva e exigiu dos sócios um investimento inicial entre R\$ 7 milhões a R\$ 8 milhões, nos cálculos de Sganzerla, incluindo a implantação dos vinhedos e a montagem da unidade industrial. “A expectativa é de que tenhamos uma reação neste fim de ano, em função das festas”, aposta Sganzerla.



Ontem como hoje: Waldyr O'Dwyer tem planos para novas concessionárias em Porangatu, Gurupi e Goiânia

“NÃO SEI QUANDO VOU PARAR”

A tradicional Anadiesel prepara-se para nova fase de expansão, sob comando do capitão e empresário Waldyr O'Dwyer

Aos 93 anos de idade, o empresário Waldyr O'Dwyer demonstra o mesmo entusiasmo do jovem recém-formado em Ciências Políticas e Econômicas pela Academia do Comércio do Rio de Janeiro, que decidiu aceitar a convocação para entrar no Exército e seguir carreira na corporação. Vitoriosa em sua participação nos campos de batalha da Itália na 2ª Guerra, a Força Expedicionária Brasileira (FEB) assegurou um lugar na história mundial, inscrevendo o nome de seus combatentes como heróis da nação. Dentre eles, o próprio O'Dwyer. Dali em diante, sua história particular reserva capítulos importantes para o empreendedorismo em Goiás.

De volta da guerra, o 6º Batalhão de Caçadores, então instalado em Santos (SP), recebeu a ordem para retornar à sua sede no município de Ipameri, na região da Estrada de Ferro, sob comando do oficial Waldyr O'Dwyer. A chegada deu-se em 21 de abril de 1946, quando conheceu a jovem Hertha Laysen, com quem se casou no mesmo ano.

A convite do sogro, o empresário Gustavo Laysen, O'Dwyer assumiu uma das diretorias



Waldyr O'Dwyer e seu Mercedes: antiguidade

das Indústrias Reunidas Santa Cruz, constituída por um complexo industrial de charqueada, curtume e fábrica de calçados, além de um haras. Em função dos compromissos empresariais assumidos, Waldyr O'Dwyer solicitou a dispensa do serviço ativo do Exército, passando à reserva não remunerada e, em seguida, sendo promovido à patente de capitão.

Em 1959, o capitão Waldyr foi convidado a assumir o primeiro frigorífico de Goiás, construído em Anápolis e que tinha como sócio majoritário o governo do Estado. “Começamos a fornecer carnes resfriadas para Brasília, antes de a capital do País ser inau-

gurada”, disse.

Anos depois, o empresário já trabalhava para trazer para Anápolis uma concessionária da Mercedes Benz-Toyota. Resultado: a Anadiesel completa 46 anos em 2009. Waldyr O'Dwyer acumula as funções de presidente da empresa e do seu conselho de administração. Com fôlego e a experiência adquirida, prepara-se para levar seus negócios a nova fase de expansão, com a instalação de concessionárias Mercedes Benz em Porangatu, no Norte Goiano, e Gurupi, no Tocantins, e a construção de novas instalações no Distrito Agroindustrial de Anápolis. Para quem não tem fôlego, é bom parar por aqui, porque o capitão segue adiante: até o final do ano, os planos da empresa incluem a constituição de nova sociedade para instalação em Goiânia de uma concessionária Kia.

“Continuo nesse ritmo, trabalhando com dedicação e criando cavalos e, quando possível, também montando. Além de me dedicar também às ações do Rotary, como sócio mais antigo com 72 anos de atividade. Não sei quando vou parar”, resumiu.



PRÊMIO POR MÉRITO

III O presidente do Banco Central, Henrique Meirelles, desenhó perspectivas mais animadoras para a economia e conclamou o empresariado a ampliar investimentos como forma de consolidar a recuperação esboçada nos principais indicadores econômicos. Ele foi um dos convidados de Paulo Afonso Ferreira e Armando Monteiro Neto, respectivamente presidentes da Fieg e da CNI, para a bela festa de entrega do Prêmio Mérito Industrial, realizada no Clube Antônio Ferreira Pacheco, dia 24 de setembro. O evento, prestigiado também pelo governador de Goiás, Alcides Rodrigues Filho, um dos homenageados, condecorou sete personalidades do mundo empresarial e político.



NEGÓCIOS NA BOLÍVIA

III Odalea Bueno (foto), da Diáfana, acabou de chegar de Santa Cruz de la Sierra, na Bolívia. Ela participou da tradicional da Expocruz e da roda de negócios Cainco, de 21 a 23 de setembro. A empresária visitou uma rede de lojas que representa suas lingerie na Bolívia. Durante os cinco dias da viagem, Odalea também fechou negócios com empresas do Chile e da Argentina. "Com uma lingerie considerada simples e sem inovações, o público destes países considera nossa produção rica em design e sex appeal", disse orgulhosa.



HOMENAGEM ESPECIAL

III O casal Hélio Naves e a advogada Nilda Sá (foto), em jantar festivo promovido pelo Simelgo, presidido por Orizomar Araújo Siqueira, no Clube Ferreira Pacheco, dia 18 de setembro. Além da entrega da medalha Ministro Aquino Porto para vários empresários locais, o evento marcou também o aniversário de 83 anos de Hélio, homenageado especial da noite. Mineiro de Iraí, o professor Hélio Naves chegou em Goiânia em 1943, para estudar mecânica na antiga Escola Técnica Federal de Goiás, atual IFG.

FEIRA ALEMÃ

III Karla Necchi e Clarissa Pozzi, que são respectivamente gerentes de desenvolvimento de produtos e de marketing da Mabel, afivelaram as malas para embarcar para a Alemanha. De 8 a 17 de outubro elas participaram da Feira Internacional de Alimentos da Alemanha (Anuga), evento bianual que este ano será realizado na cidade de Colônia. As executivas vão comandar o estande da empresa goiana do Grupo Mabel numa feira com expositores de mais de 150 países que ocupa 300 mil metros quadrados e consagrou-se como uma dos mais importantes do ramo de alimentos e bebidas do planeta. A meta é mostrar os produtos goianos no exterior num planejamento que visa arrebatar novos mercados.

NOVO ENDEREÇO

III O empresário de confecção Marcos Sallo em breve estará de casa nova. Ele vai transferir sua

fábrica do Jardim Presidente para uma área de 27 mil metros quadrados recém-adquirida em Aparecida de Goiânia, o que deve contribuir para a expansão de sua produção. Com sua linha jeans de moda masculina vendida até para clientela fiel nos Estados Unidos, Marcos também tem investimentos no campo social. Um deles é a creche que está prestes a inaugurar para atender seus mais de 400 funcionários.

TECNOLOGIA

III Danilo Razia (Vinícola Centro-Oeste), enólogo e presidente da associação dos produtores da categoria (Apodernev), e Giovani Sganzele (Suco Dell Nonno) comemoram a inauguração de centro tecnológico de capacitação durante a segunda edição da Festa da Uva, realizada em Santa Helena. O setor acaba de ganhar apoio do governo estadual para impulsionar seu polo

produtivo concentrado nos municípios de Santa Helena e Itaberáí.

IMPORTAÇÃO

III José Luis Martins Abuli (Sindicesso) poderá em breve colher os louros de sua visita recente à China, já que está na fase final das negociações da importação de ferro mineral por indústrias de Pequim. Ele também comemora a nova parceria do Sindicesso com o Senai/Senat, que abriu inscrições para oferecer cursos de pintores e gessoiros para quem é beneficiado por bolsa família concedida pelo Estado. O programa, que conta com recursos do FAT, visa à mudança do contexto atual parteralista por outra realidade na qual chefes de família conquistem uma profissão. Por enquanto, o programa oferece 200 vagas distribuídas em 20 turmas. Em 2010 a iniciativa de formação profissional deve ser ampliada para toda a comunidade em geral.

Sindifargo

Rastreabilidade de medicamentos

O Sindicato das Indústrias Farmacêuticas no Estado de Goiás (Sindifargo) apoiou a realização, no dia 15 de outubro, no auditório do Instituto de Gestão Tecnológica Farmacêutica (IGTF), de palestra sobre rastreabilidade de medicamentos. As empresas Dominó, Sunnyvale e Active, promotoras do evento, trouxeram especialistas para uma exposição detalhada das normas da Anvisa que dispõem sobre o rastreamento da produção e do consumo de medicamentos por meio de tecnologia de captura, armazenamento e transmissão eletrônica de dados.

Sindicarne

Feira de negócios

O presidente do Sindicato das Indústrias de Carnes e Derivados no Estado de Goiás e Distrito Federal (Sindicarne), José Magno Pato, participou da Anuga 2009, mais importante feira de negócios dos setores de alimentação e bebidas, realizada em Colônia, na Alemanha, entre 10 e 14 de outubro. A missão empresarial brasileira, composta por 120 empresas selecionadas pela Agência Brasileira de Promoção de Exportações e Investimentos (Apex Brasil), ocupou espaço de 2,2 mil metros quadrados, a maior área já dedicada ao País na feira. As empresas Mabel e SuperFrango participaram do grupo.



NÚCLEO DE ANÁPOLIS

POSSE CONJUNTA

O governador Alcides Rodrigues Filho participou da homenagem aos dez anos de funcionamento do Núcleo Fieg de Anápolis, presidido pelo empresário Waldyr O'Dwyer (foto), que fez o discurso de agradecimento ao presidente da Fieg, Paulo Afonso Ferreira, ao coordenador do núcleo, Gilson Teixeira do Amaral Brito, homenageado especial, e aos colaboradores da regional. Também foram empossados novos presidentes de sindicatos.

Posse conjunta 2

O presidente da Fieg, Paulo Afonso Ferreira, deu posse, no dia 2 de outubro, aos novos diretores de cinco entre os seis sindicatos patronais da indústria com sede em Anápolis. Durante solenidade realizada no Salão de Eventos do Sesi Jundiá, naquela cidade, o empresário Wilson Oliveira, reeleito, manteve a presidência do Sindicato das Indústrias de Alimentação de Anápolis (Siaa), enquanto Álvaro Otávio Dantas Maia recebeu o cargo de presidente do Sindicato das Indústrias da Construção e do Mobiliário de Anápolis (Sicma) de Ubiratan da Silva Lopes. Também foram empossados Robson Peixoto Braga, que sucedeu Elton de Teles Campos na presidência do Sindicato das Indústrias Metalúrgicas, Mecânicas e de Material Elétrico de Anápolis (Simea); Jair Rizzi, no comando do Sindicato das Indústrias do Vestuário de Anápolis (Siva), substituindo José Vieira Gomide Júnior; e Henrique Wilhelm Morg Andrade, no Sindicato das Indústrias Cerâmicas do Estado de Goiás (Sindicergo), até então presidido por Laerte Simão. O Sindicato das Indústrias Farmacêuticas do Estado de Goiás (Sindifargo) tem o mandato ainda em andamento, sob a presidência de Eduardo Gonçalves.

Sindirepa

Parceria no trânsito

O comandante geral da Polícia Militar do Estado de Goiás (PM-GO), coronel Carlos Antônio Elias, e o presidente da Agência Municipal de Trânsito de Goiânia (AMT), Miguel Tiago, firmaram convênio com o Sindicato das Indústrias de Reparação de Veículos e Acessórios do Estado de Goiás (Sindirepa) para treinamento de 800 oficiais da PM e 96 agentes da AMT. O curso, incluindo oito horas de aulas teóricas e outras oito horas de prática, tem como objetivo atender às resoluções 25 e 297 do Conselho Nacional de Trânsito (Contran). As duas medidas estabelecem normas, respectivamente, para definição de veículos modificados e para emissão de relatório para classificação de danos decorrentes de acidentes e procedimentos para regularização ou baixa de veículos acidentados. A Resolução 297 passa a vigorar a partir de 1º de agosto de 2010.

Sindileite

Novo presidente

Em solenidade realizada no dia 5 de outubro no Oliveira's Place, tomou posse a nova diretoria do Sindicato das Indústrias de Laticínios no Estado de Goiás (Sindileite). Com mandato entre 2009 e 2011, o empresário Ananias Justino Jayme, do laticínio Sitale Brasil Ltda, que produz em Itaberai o queijo Copo de Leite, substituiu Cesar Helou, do Laticínios Bela Vista, no comando do sindicato. Com 368 empresas filiadas, o Sindileite comemorou, na mesma data, o 20º aniversário de sua criação.

Simplago

Tecnologia e estratégias - 1

A Agência Brasileira de Desenvolvimento Industrial (ABDI) e empresários do setor plástico reuniram-se no dia 3 de setembro, na Casa da Indústria, para debater tendências tecnológicas e estratégias para alavancar a competitividade da indústria. O workshop envolveu apresentação do Estudo Prospectivo do Setor Plástico, pela consultora técnica de projetos do setor plástico da agência, Ana Sofia Peixoto, e outra sobre Portal Inovação – Novos Serviços para Cooperação Tecnológica, com o técnico Osvaldo Spíndola.

Tecnologia e estratégias - 2

“Foi uma oportunidade ímpar para os empresários conhecerem o que há de mais novo no mercado, as tendências do plástico, além do que a ABDI irá trazer”, ressaltou o presidente do Sindicato da Indústria de Material Plástico do Estado de Goiás (Simplago), Aurelino Santos. O encontro promovido pela ABDI, em parceria com a Fieg e a Secretaria de Estado da Indústria e Comércio do Estado (SIC), teve apoio do Simplago.



INFRAESTRUTURA

CONTORNO VIÁRIO

Com apoio do Núcleo da Fieg em Anápolis e dos sindicatos das indústrias de alimentação, construção e mobiliário, metalúrgicas, mecânicas e de material elétrico, o presidente da Associação Comercial e Industrial de Anápolis (Acia), Ubiratan da Silva Lopes, entregou ao governador Alcides Rodrigues Filho, no dia 7 de outubro, projeto para construção de um contorno viário no Distrito Agroindustrial (Daia). A proposta inclui a construção de uma pista ligando a montadora Caoa/Hyundai ao trevo de saída para Brasília, passando pelo fundo do aeroporto, de forma a desafogar o trânsito de caminhões e ônibus no distrito.

Sicma

Crédito imobiliário

O presidente do Sindicato das Indústrias da Construção e do Mobiliário de Anápolis (Sicma), Álvaro Otávio Dantas Maia, participou de um encontro promovido pelo Banco do Brasil, no dia 29 de setembro, para apresentação do programa de crédito imobiliário da instituição, que oferece linhas de financiamento para produção de unidades habitacionais, assim como para a compra de imóveis por pessoas físicas.



Sinduscon

Construção social – 1

Em sua terceira edição, o Dia Nacional da Construção Social em Goiás foi realizado no Sesi de Aparecida de Goiânia (foto abaixo), no dia 22 de agosto, sob coordenação do Sindicato da Indústria da Construção no Estado de Goiás (Sinduscon-GO). Mais de 3 mil pessoas foram atendidas gratuitamente, beneficiadas pela oferta de serviços de escovação orientada, informações sobre DST/AIDS e drogas, aferição de pressão arterial, diabetes, prevenção de acidentes, emissão de CPF e atividades de lazer. Foi realizada ainda a abertura dos Jogos da Construção, torneio anual de futebol soçaite organizado pelo Sinduscon-GO com participação de empregados das empresas do setor.



Construção social – 2

O Dia Nacional da Construção Social, um verdadeiro mutirão solidário para promoção da cidadania, é uma realização da Câmara Brasileira da Indústria da Construção (CBIC), com participação dos sindicatos da indústria em 19 Estados e no Distrito Federal. Numa estimativa, a versão 2009 do evento teria recebido, em todo o País, aproximadamente 100 mil pessoas, num total de 350 mil atendimentos.



Entre dois extremos

Emprego cresce em Goiás, mas sobram vagas para operários qualificados enquanto já há falta de pessoal para empregos menos qualificados

O mercado de trabalho formal conseguiu sustentar, em Goiás, taxas positivas ao longo de 2009, o que aparentemente parece confirmar que a economia goiana sofreu um baque menor em função da crise mundial. Mas a velocidade de crescimento aponta nítida desaceleração frente ao forte incremento observado no ano passado.

Entre outros fatores, na visão do presidente do Conselho Temático de Política Econômica da Fieg, Marley Antônio Rocha, o desempenho do mercado goiano pode ser explicado pela ausência de indústrias de bens de capital e pela presença menos expressiva do setor de bens duráveis, “os mais afetados pela crise”, avalia, reforçando que, em Goiás, há uma especialização maior em commodities, segmento menos atingido pelos estilhaços da turbulência global. Ele atribui o crescimento recente dos empregos formais à “consolidação do parque industrial goiano e à solidez de nossas empresas.”

Marley Rocha anota, no entanto, uma preocupação recorrente do setor empresarial, relacionada à baixa qualificação da mão de obra, “especialmente em áreas que empregam mais tecnologia.” Neste caso, há vagas, mas não há pessoal em número suficiente para preenchê-las. “A solução para esse gargalo não virá enquanto o País não atacar seriamente a questão da educação básica, providenciando qualidade desde a fase inicial de aprendizado”, defende. De outro lado, as empresas do setor de construção, principalmente, enfrentam dificuldade crescente para contratar operários também para funções de baixa qualificação.

Dados do Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (Caged), do Ministério do Trabalho e Emprego (MTE), trabalhados pela Superintendência de Estatística, Pesquisa e Informação (Sepin) da Secretaria de Planejamento e Desenvolvimento do Estado (Seplan-GO), mostram que, em agosto, o esto-

que de assalariados com carteira assinada apresentou o segundo melhor desempenho da série histórica. Foram abertas 6.554 vagas, numa variação de 0,72% em relação ao saldo total de empregados formais alcançado em julho.

Esse número foi menor apenas do que os 6.962 empregados criados em agosto do ano passado, quando a economia crescia ainda a pleno vapor. “Cabe ressaltar que Goiás apresentou o melhor desempenho da região Centro-Oeste”, analisa a equipe técnica da Sepin. No acumulado dos primeiros oito meses de 2009, o saldo de empregos formais registrou acréscimo de 55.981 vagas, numa variação de 6,52%. No mesmo período do ano passado, quando foram abertos 76.654 postos de trabalho, a variação havia sido de 10,11%.

A Sepin destaca que o resultado acumulado entre janeiro e agosto deste ano foi o terceiro melhor da série histórica, perdendo para 2007 e 2008, e o melhor para a região Centro-Oeste. A indústria de transformação e a construção civil, somadas, responderam por praticamente 52% dos novos empregos abertos nos oito meses iniciais deste ano, com 19.722 para a primeira e 9.379 vagas na outra. Como destaque, a indústria de alimentos e bebidas gerou 97,5% dos novos postos de trabalho criados na indústria.

Agende-se Com o Futuro



Centro Internacional de Negócios
de Goiás

O Centro Internacional de Negócios da FIEG promove cursos e missões empresariais com foco no mercado global, visando à ampliação de oportunidades de negócios.

Cursos

A Rede CIN e o Programa AI-Invest, em parceria com a FIEG, por meio do seu Centro Internacional de Negócios (CIN), realizam cursos em Comércio Exterior e áreas correlatas, que são certificados pela Editora

Tributação nas Operações de Comércio Exterior

11/11/09

Pós-Graduação em Gestão em Comércio Exterior

O SENAI, em parceria com a FIEG, por meio do seu Centro Internacional de Negócios (CIN) e a Editora Aduaneiras, realiza pós-graduação em Comércio Exterior. O curso inclui disciplinas práticas que são ministradas por professores atuantes no Comércio Exterior e que pertencem a entidades de renome na área internacional.

Carga horária: 372 horas

Duração: 15 meses

Missões à Feiras Internacionais

Conheça a próxima missão empresarial que o CIN/FIEG está organizando.

| <i>Evento</i> | <i>Segmento</i> | <i>Onde</i> | <i>Quando</i> |
|---------------|------------------|------------------------|---------------|
| BIG 5 | Construção Civil | Dubai, Emirados Árabes | 19 a 27/11 |



Este evento é financiado pela União Europeia. A visão expressada neste não necessariamente reflete a visão da União Europeia.

INFORMAÇÕES: Centro Internacional de Negócios de Goiás – CIN/FIEG

Av. Araguaia, nº 1.544, Ed. Albano Franco - Casa da Indústria, Setor Leste Vila Nova, Goiânia-GO

Telefone: (62) 3219-1488 - cin@sistemafieg.org.br - www.sistemafieg.org.br



S de social.

IDEAL PARA A INDÚSTRIA, ESSENCIAL PARA O TRABALHADOR.



E de Educação.

GANHO PARA O TRABALHADOR E PARA O EMPRESÁRIO.



SESI SENAI

62 3219-1400

www.sesigo.org.br
www.senaigo.com.br